



**Texto para Discussão 026 | 2016**

***Discussion Paper 026 | 2016***

# **A Produtividade do Trabalho do Setor de Serviços e a Evolução Recente do Mercado de Trabalho no Brasil**

**Mateus Labrunie**

*Mestrando, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**João Saboia**

*Professor Emérito, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

This paper can be downloaded without charge from

<http://www.ie.ufrj.br/index.php/index-publicacoes/textos-para-discussao>

# A Produtividade do Trabalho do Setor de Serviços e a Evolução Recente do Mercado de Trabalho no Brasil<sup>1</sup>

Agosto, 2016

**Mateus Labrunie**

*Mestrando, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**João Saboia**

*Professor Emérito, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

---

<sup>1</sup> Este artigo contou com o apoio de bolsa PIBIC para o primeiro autor e bolsa de produtividade do CNPq para o segundo

## **Resumo**

No período 2004-2014 o mercado de trabalho brasileiro apresentou um comportamento excepcional com forte geração de empregos, queda da taxa de desemprego, aumento de salários e redução da informalidade. Apesar da desaceleração econômica após 2010, a geração de empregos continuou intensa até 2014. A partir da análise da produtividade no setor de serviços e da forte concentração dos novos empregos nesse segmento da economia, o artigo argumenta que a maior parte dos empregos gerados no período são empregos mal remunerados e de baixa produtividade. Chama também a atenção para a necessidade de crescimento da produtividade para enfrentar a retomada do crescimento econômico no futuro. Nesse sentido o setor de serviços terá um papel central.

**Palavras-chave:** Setor de serviços; Produtividade; Mercado de trabalho; Setor terciário; Serviços

**Classificação JEL:** O47; E23; E24; L80; L84

## **Abstract**

In the period 2004-2014 the Brazilian labor market showed an exceptional performance with strong job creation, fall in the unemployment rate, wage increases and reduction of informality. Despite the economic downturn after 2010, job creation remained strong until 2014. From the analysis of productivity in the service sector and the strong concentration of new jobs in this sector, the article argues that the majority of the jobs generated in the period have low productivity and are poorly paid. It also draws attention to the need for productivity growth to face the resumption of economic recovery in the future. Thus, the service sector will play a central role.

**Key Words:** Service sector; Productivity; Labor market; Tertiary sector; Services

**JEL Classification:** O47; E23; E24; L80; L84

# 1 Introdução

O mercado de trabalho brasileiro viveu um período excepcional entre 2004 e 2014 com forte geração de empregos, queda da taxa de desemprego, crescimento da remuneração média e redução da informalidade. Mesmo após 2010 com a desaceleração da economia o mercado de trabalho continuou apresentando resultados satisfatórios.

A análise dos empregos gerados na economia ao longo desse período confirma que a maior parte está localizada no setor terciário (comércio e serviços) com parcela considerável deles apresentando baixos salários e produtividade. Tais resultados inspiraram a preparação deste artigo.<sup>2</sup>

Por muito tempo a teoria econômica tratou o setor de serviços de forma secundária, definindo-o como resíduo, pois se considerava que as fontes principais de riqueza residiam na agropecuária e na indústria. Mais recentemente, no entanto, a proeminência do setor de serviços na economia mundial tornou-se evidente, passando a representar fatias cada vez maiores do produto e do emprego, e novos estudos passaram a constatar a importância deste setor na geração de valor, na geração de empregos e na produtividade.

No Brasil não foi diferente. O setor de serviços em anos recentes tem ganhado espaço em diversos aspectos, tornando-se isoladamente o setor com maior participação no PIB e no emprego. Apesar disso, ainda se sabe relativamente pouco sobre ele se comparado à indústria e à agropecuária.

O presente trabalho, portanto, visa a contribuir para a maior compreensão deste setor no Brasil. Os enfoques escolhidos foram o da produtividade e o do mercado de trabalho. A produtividade foi escolhida devido a sua importância como indicador da competitividade e da eficiência produtiva de um setor, e também devido ao momento no qual se encontra o país, em que mudanças demográficas impedem que se continue a crescer apenas através da incorporação de fatores de produção, tornando imperativo que o aumento da produtividade seja o novo indutor do crescimento.

Conforme afirmado acima, o mercado de trabalho foi escolhido devido às grandes mudanças ocorridas nele nos últimos anos, com destaque para o período 2011-2014, em

---

<sup>2</sup> Este artigo é uma versão modificada e reduzida de Labrunie (2016).

que se vivenciaram simultaneamente baixas taxas de crescimento e forte criação de empregos, o que contraria o esperado pela teoria econômica.

Nesse sentido, o presente artigo visa contribuir para o debate sobre produtividade no Brasil, e também para o debate sobre os movimentos do mercado de trabalho no período recente.

O trabalho está dividido em quatro seções, além desta introdução e das conclusões finais. A segunda seção é uma breve resenha sobre como a literatura interpreta o papel do setor de serviços na economia e como tem se dado o crescimento de sua importância na economia mundial.

A terceira trata da questão da produtividade no setor de serviços em geral, enquanto a quarta discute o caso brasileiro, buscando entender como este setor se diferencia dos demais, qual sua estrutura interna, e como ele se compara ao setor de serviços de outros países.

A quinta seção trata do papel do setor de serviços no mercado de trabalho no Brasil no período 2010-2014. A análise é desenvolvida a partir dos dados do CAGED para a geração de empregos, de indicadores de produtividade levantados na base de dados *World Input-Output Database* (WIOD) e de remuneração obtidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Os resultados empíricos deixam clara a enorme contribuição do setor de serviços na geração de empregos no período recente de pouco crescimento econômico, ao mesmo tempo em que confirma o baixo nível de produtividade da grande maioria de tais empregos.

## 2 O Setor de Serviços e seu Crescimento

Ao longo da evolução do pensamento econômico o setor de serviços tem sido relegado a um papel secundário, sendo suas atividades por muito tempo consideradas improdutivas, e sendo definido usualmente por exclusão, isto é, agregando-se “tudo o que não é agropecuária nem indústria”, com pouca ou nenhuma consideração pelas suas especificidades. (Kon, 2004)

Trabalhos mais recentes, no entanto, apresentam algumas características que podem ser observadas na maior parte dos serviços, quais sejam: 1. A intangibilidade do “produto”; 2. A não possibilidade de armazenagem; 3. A não possibilidade de transferência; 4. A alta perecibilidade, já que produção, distribuição e consumo ocorrem simultaneamente; 5. A provisão da atividade por meio de interação entre produtor e usuário; 6. O papel ativo assumido pelos consumidores no processo de produção e avaliação de qualidade; 7. A dificuldade ou mesmo impossibilidade de padronização, gerando “produtos” altamente heterogêneos. (Galinari e Júnior, 2014)

Silva et al. (2006) fazem uma revisão da literatura que busca explicar o crescimento da participação dos serviços nas economias. Alguns autores como Clark (1967), Kuznets (1966), e Baumol (1967) argumentam que o crescimento dos serviços, dentre outras coisas, é decorrente da maior elasticidade-renda da demanda por serviços em comparação aos produtos industriais, o que levaria naturalmente à maior participação deste setor em relação à indústria conforme crescesse a renda de um país. Além disso, haveria uma tendência, segundo estes autores, para que o crescimento da produtividade dos serviços fosse menor do que o da indústria.

Uma contraposição a essa visão, também apresentada por Silva et al. (2006), é a de Oulton (2001), que introduz uma nova luz sobre a questão. Até então os autores haviam se concentrado apenas nos serviços produzidos para os consumidores finais. Nesse caso, de fato, se a produtividade deste setor for mais baixa que a da indústria, a produtividade global da economia tenderá a cair. No entanto, se se volta o olhar para os serviços dirigidos ao consumo intermediário, percebe-se que qualquer pequeno ganho de produtividade nestes setores gerará um ganho de produtividade geral da economia.

Segundo alguns autores, haveria uma tendência ao aumento da participação dos serviços intermediários nas economias. François (1990) afirma que o crescimento do mercado

levaria a uma maior especialização e divisão do trabalho, com uma tendência ao desmembramento das atividades produtivas em estágios de produção, e com um consequente aumento do emprego nas atividades de serviços intermediários, e uma maior produtividade do trabalho. Gershuny (1978) identificou outra causa para o aumento nos serviços intermediários em detrimento dos serviços finais. Segundo este autor, com o desenvolvimento econômico, haveria uma tendência à substituição de alguns serviços finais por produtos com serviços embutidos neles. É o caso, por exemplo, com a introdução de máquinas de lavar e alimentos congelados. (Silva et al., 2006)

Outra razão amplamente conhecida para o aumento da relevância dos serviços seria a mudança de paradigma na organização da produção fordista ocorrida no final dos anos 70, que se caracterizava pela produção em massa de bens manufaturados através de grandes corporações verticalmente integradas, para o *toyotismo*, em que a produção em série tende a diminuir, e os grandes diferenciais de competição são a qualidade e a adaptação à demanda, isto é, a diferenciação do produto. Nesse contexto, a força principal de criação de riqueza tornou-se a interação entre serviços e produção manufatureira. (Kon, 2004)

A implementação desse novo modelo produtivo só foi possível com a criação de um aparato logístico compatível, o que significou uma demanda amplificada por serviços. (Kon (2004)). É a eliminação da produção verticalizada que permite que atividades não estratégicas e auxiliares passem a ser terceirizadas, o que possibilitou a criação de uma rede de pequenas e médias empresas de serviços especializadas em atividades de apoio à produção. (Coffey e Baily, 1993; Melchert, 2003 *in* Kon, 2004)

Um modelo conceitual recorrentemente utilizado para se explicar a importância dos serviços nas cadeias produtivas dos dias de hoje é o da Figura 1, em que se mostra o formato geral das cadeias produtivas típicas dos dias de hoje, nas quais as partes de maior valor agregado são as de pré-produção, isto é, padronização, inovação, P&D, *design*, e as de pós-produção, isto é, logística, *marketing*, *branding*, etc. Ou seja, seriam os serviços os responsáveis pela maior parte da adição de valor nas cadeias produtivas. As etapas “do meio”, quais sejam, as etapas de manufatura e de montagem, são atividades de baixo valor agregado, e a tendência é de que sejam terceirizadas e feitas em outros países, onde haja mão de obra mais barata ou leis trabalhistas e ambientais menos rígidas.

Figura 1 – Curva “smiley face” da agregação de valor



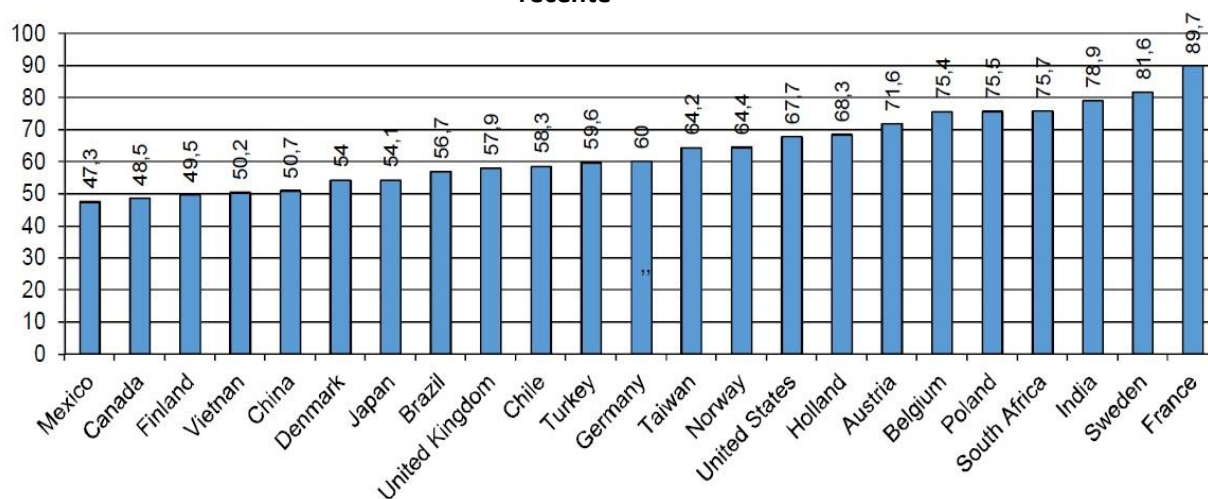
Fonte: Arbache (2014)

Um caso emblemático deste modelo é o do iPod, em que dos US\$300 pelos quais o iPod é vendido no varejo, mais de 50% não tem nenhuma relação com os componentes da mercadoria, e sim com os serviços envolvidos na concepção, *design*, desenvolvimento de *software*, etc. Embora a China seja responsável pela montagem de todos os iPods, ela só retém US\$ 4 por unidade, enquanto a Apple retém US\$ 80, que é de longe a maior parte do valor adicionado em toda a cadeia produtiva. Outro caso notável é o do Nokia N95 em que, ao decompor seus custos, percebe-se que 81,4% de seu preço final se refere a valor adicionado por serviços e apenas 18,6% se refere a peças, partes e montagem (Arbache, 2014)

Arbache (2015) mostra que os serviços hoje compõem a maior parte dos insumos industriais, em alguns países chegando a representar mais de 80% do valor adicionado da indústria, o que pode ser visto no Gráfico 1.



**Gráfico 1 – Participação dos serviços no valor adicionado da indústria (%) – 2005 ou ano mais recente**



Fonte: Arbache (2015)

Outro fator que contribui para a maior relevância dos serviços é a globalização. Principalmente a partir dos anos 80, as transformações tecnológicas e de acumulação financeira levaram a intensificação da internacionalização da vida econômica, social, cultural e política (Kon, 2004). O papel dos serviços nesse contexto foi o de facilitar essa integração, principalmente com os desenvolvimentos nos setores de transportes e das comunicações, além de serviços sofisticados de construção civil e serviços financeiros internacionais.

Segundo o *World Investment Report 2015* da UNCTAD, em 2012, 63% dos Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) pelo mundo foi feito no setor de serviços, mais do dobro da indústria, que ficou com 26%. Segundo o relatório, isso reflete uma tendência estrutural de longo prazo, visto que de 1990 a 2012, a parcela do setor de serviços nos IDE mundiais ganhou 14 pontos percentuais (de 49% para 63%), com uma queda correspondente na indústria, enquanto o setor primário permaneceu relativamente estável em 7%. Acompanhando a tendência mundial, o setor de serviços é o maior receptor de IDE no Brasil, representando 59% do total em 2014. (Moreira, 2015)

Há uma ressalva na literatura no que concerne especificamente os países em desenvolvimento. Isto porque a diminuição da participação da indústria que se observa nesses países, no lugar de estar refletindo uma reestruturação da economia, com aumento da densidade e complexidade dos serviços, pode estar refletindo um período de crise e

estagnação econômica, com diminuição de investimentos produtivos e perda de competitividade, afetando negativamente a produção e a geração de empregos na indústria, como foi o caso nos anos 80 para o Brasil (Kon, 2004). Silva et al. (2014) também chamam atenção para esse fato:

“No caso de países em desenvolvimento, porém, o aumento de participação dos serviços no PIB e no emprego pode refletir tanto os ganhos de produtividade do setor industrial quanto uma eventual perda de sua competitividade internacional, se for o caso. (...) Países como o Brasil, portanto, podem apresentar simultaneamente aspectos pós-industriais e riscos de desindustrialização; uma possibilidade que deve conduzir a importantes debates.” (Silva et al., 2014, p. 244)

### 3 A Questão da Produtividade dos Serviços

A visão talvez mais difundida sobre produtividade no setor de serviços é a preconizada por Baumol (1967), para o qual o setor de serviços teria intrinsecamente uma menor produtividade do que o setor industrial.

Baumol divide as atividades econômicas em dois grupos: as que têm o trabalho como apenas um instrumento para obtenção do produto final, do qual a indústria seria o seu exemplo mais óbvio, e as que têm o trabalho como o próprio produto final, como seria o caso de grande parte dos serviços. Em resumo, o principal argumento do autor é que atividades de serviços em geral possuem limites bem definidos aos seus ganhos de produtividade, em contraposição à indústria que seria o setor mais dinâmico da economia.

Outros autores que argumentam na mesma direção de Baumol são Nicholas Kaldor e P.J. Verdoorn – das conhecidas Leis de Kaldor e Verdoorn -, que defendiam que a indústria teria maior progresso técnico do que os serviços, chegando mesmo a influenciar em políticas de taxaçaõ seletiva em 1966 na Inglaterra com base nessa argumentação. A visão de que serviços não admitem progresso tecnológico é compartilhada, ainda, por economistas importantes como Bela Balassa, Paul Samuelson e Irving Kravis, Alan Heston e Robert Summers. (Bhagwati, 1984)

Silva et al. (2014) argumentam que, na visão tradicional sobre serviços, atribui-se a característica de baixa intensidade de capital e alta intensidade de trabalho a esse setor. Além disso, seria um trabalho de baixa produtividade, que daria pouca margem a incrementos de produtividade. Os exemplos apresentados são o do garçom – que teria um número máximo de mesas que consegue servir adequadamente, por limitações físicas – e o do cozinheiro, que teria um limite na quantidade de pratos que consegue preparar a cada hora, sem que se altere a qualidade dos pratos.

Essa visão tradicional vem sendo questionada por diversos autores. Bhagwati (1984) afirma que enquanto essa visão pode vir a ser verdade para os pequenos serviços familiares, ou mesmo para os serviços burocráticos governamentais, o mesmo não pode ser estendido para o comércio varejista, os transportes, as telecomunicações e seus setores relacionados, como o setor financeiro e bancário. A base do argumento do autor é de que os serviços vêm se tornando cada vez mais desincorporados (*disembodied*, no original)

dos produtos físicos, e passam a poder ser “transmitidos por fio” para os usuários, o que impacta sua produtividade.

Outros autores questionam, ainda, o fato de que os serviços seriam menos propensos à inovação que a indústria. Silva et al. (2014) resenham a literatura sobre inovação nos serviços, e mostram que esse setor apresenta muitas peculiaridades, como, por exemplo, o fato de a pesquisa e desenvolvimento (P&D) formal e o caráter tecnológico da inovação não serem tão importantes para os serviços quanto para a indústria. Seriam mais importantes as inovações organizacionais, a força de trabalho e os próprios clientes como mecanismos de inovação. A literatura a esse respeito é extensa, e por não ser o foco deste artigo não será aprofundada.

Anita Kon, ao analisar uma série de trabalhos que trazem evidências contrárias à visão tradicional sobre produtividade dos serviços, afirma que:

“Esse debate, remanescente da teoria econômica clássica, vem se tornando obsoleto, desde que o dinamismo nas estruturas, na operacionalização das funções de serviços e no inter-relacionamento com outros setores, na atualidade, não corrobora essas ideias. (...) Portanto, hoje em dia, é preciso questionar a asserção tradicionalmente aceita de baixa produtividade e estagnação produtiva como característica geral dos serviços ou da anteriormente citada “doença de custos” preconizada por Baumol.” (Kon, 2004, p. 53)

Trabalhos mais recentes, como o do Banco Mundial (Ghani e Kharas, 2010) afirmam que a experiência de crescimento da Índia e outros países do sul da Ásia sugerem que uma “Revolução de Serviços”, que levaria a maior crescimento da renda, criação de empregos, igualdade de gêneros e redução da pobreza, é possível.

Há, portanto, dois grupos de visões a respeito da produtividade dos serviços. De um lado, uma visão bastante negativa, que afirma que a produtividade dos serviços apresenta limites físicos ao crescimento, contrapondo-se à indústria, que apresentaria grandes possibilidades de crescimento da produtividade. Do outro lado, uma visão positiva, que afirma que devido à reestruturação produtiva recente, e às novas evidências apresentadas, uma parte dos serviços é altamente produtiva e inovativa e contribui em grande parte para os ganhos de produtividade da própria indústria.

Embora difiram em diversos níveis, talvez a maior diferença entre as duas visões seja que a primeira não considera que as atividades de serviços possam servir de insumos às outras atividades, impactando suas produtividades, o que é um elemento chave da segunda visão.

Vários trabalhos empíricos têm mostrado que a evolução da produtividade no setor de serviços tem sido comparável à da indústria. Barras (2007), por exemplo, ao calcular a produtividade do trabalho por setor no Reino Unido nos vinte anos anteriores à publicação do trabalho, encontrou um crescimento de aproximadamente 2% ao ano, o que foi apenas ligeiramente inferior ao da indústria de transformação. Em alguns setores de serviços que tiveram maiores investimentos em tecnologias da informação, como o setor bancário, o crescimento da produtividade do trabalho chegou a 5% ao ano.

A análise da produtividade dos serviços, no entanto, não se restringe aos dados dos produtos finais da economia (valor adicionado). Como argumentado pelos autores que têm uma visão positiva sobre a produtividade no setor de serviços, para além da produtividade dos serviços finais, que é apresentada nas estatísticas de valor adicionado, há que se atentar também para o impacto dos serviços intermediários na produtividade. Por exemplo, quanto dos ganhos de produtividade da indústria foram causados pelo uso mais intensivo de serviços como insumos?

Nesse sentido, Galinari e Júnior (2014) apresentam uma série de estudos empíricos que, em linhas gerais, mostram haver uma correlação positiva entre o uso de serviços a empresas intensivos em conhecimento (Seic) e a produtividade, valor adicionado ou inovações da indústria, ou do próprio setor de serviços.

Para os países desenvolvidos, os trabalhos mencionados são os de Tomlinson (1997), Antonelli (2000), Katsoulacos e Tsounis (2000) e Evangelista et al. (2013). Em relação aos países em desenvolvimento, os trabalhos apresentados são os de Balaz (2004), Wong e Singh (2004), Liu (2009) e Doroshenko et al. (2013), todos na mesma linha, encontrando efeitos positivos das atividades de Seic sobre a produtividade de outras firmas. Para o Brasil, os trabalhos são o de Freire (2006) e o de Kubota (2009). Outro trabalho recente na mesma linha para o Brasil é o de Arbache e Moreira (2015) que encontra evidências de que o uso de serviços como insumos tem efeitos positivos sobre a produtividade.

Assim, pelo que os dados e trabalhos empíricos apontam, o setor de serviços tem apresentado significativos ganhos de produtividade, por vezes maiores do que os ganhos da indústria, além de que tem sido um dos grandes responsáveis pelos próprios ganhos de produtividade da indústria, quando esta o utiliza como insumos intermediários. Esses ganhos, no entanto, parecem se restringir a uma parte do setor de serviços, notadamente, o segmento de Seic, e ainda outros segmentos que utilizam capital e tecnologias da informação de forma intensiva, não sendo esse movimento uma característica generalizada por todo o setor de serviços. Pode-se concluir, portanto, que a visão do setor de serviços como sendo inteiramente de baixo dinamismo e pouca possibilidade de ganhos de produtividade parece, de fato, ultrapassada.

## **4 A produtividade dos serviços no Brasil**

No Brasil, o setor de serviços respondia por aproximadamente 70% do PIB, em 2012, e por 72,3% do total de empregos formais e, em anos recentes, 8,3 a cada 10 empregos criados na economia são no setor de serviços. Esses valores são elevados e se assemelham aos dos países desenvolvidos, por exemplo, a Alemanha, cuja participação dos serviços no PIB é de 69%. Além disso, a parcela da renda familiar destinada aos serviços no Brasil é de 64%, o que é elevado se comparado a outros países em desenvolvimento como a Rússia (52%), a Índia (50%) e a Indonésia (45%). Segundo Arbache (2015), essa predominância dos serviços no Brasil, portanto, poderia ser considerada uma particularidade do país.

Esta seção tem como enfoque a questão da produtividade dos serviços no Brasil. Como são os serviços em termos de produtividade em relação aos demais setores? Há heterogeneidade de produtividade dentro dos serviços? Como é a produtividade do setor de serviços brasileiro em comparação com outros países? Os indicadores de produtividade refletem a qualidade dos serviços prestados? Essas questões serão abordadas nesta seção.

### **4.1 A Produtividade nos serviços e em outros setores**

No período de 1950-2009, embora diferentes trabalhos encontrem diferentes valores para a produtividade agregada, há certo consenso de que houve robusto crescimento no período 1950-79, e desempenho negativo nas décadas de 1980, 90 e 2000. Setorialmente, no entanto, podem-se observar algumas variações de trajetória.

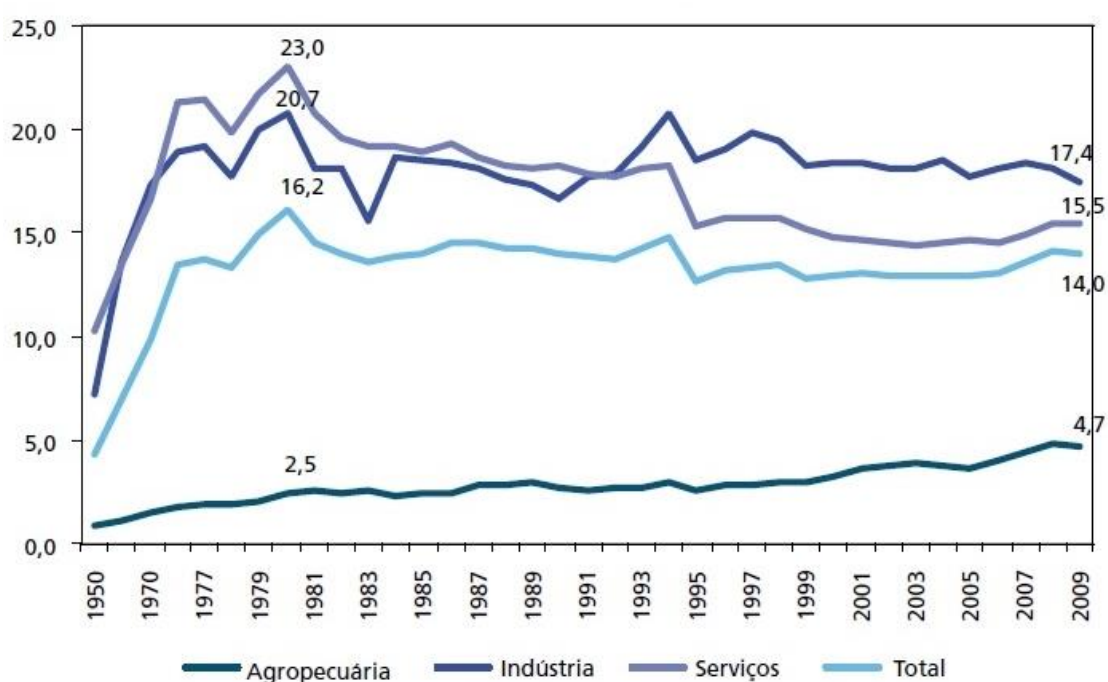
A agropecuária teve desempenho bastante peculiar, apresentando trajetória positiva durante todo o período 1950-2009, já a indústria apresentou forte crescimento de 1950 a 1970, manteve-se relativamente estável na década de 1980, seguida de um ligeiro aumento na década de 1990, e queda na década de 2000. Os serviços, por sua vez, tiveram crescimento forte no período 1950-79, e desempenho negativo nas duas décadas seguintes, com uma ligeira reversão da trajetória negativa na década de 2000.

É interessante notar que apesar de sua trajetória positiva, a agricultura apresenta produtividade muito inferior aos demais setores – em 2009, enquanto a indústria possuía

produtividade (valor adicionado a preços constantes de 2000 dividido pelo pessoal ocupado) de 17,4 e os serviços de 15,5, a agricultura estava ao nível de 4,7. (Squeff e Nogueira *in* Infante, Mussi e Nogueira, 2014)

Ao segmentar a indústria em indústria extrativa e indústria de transformação, percebe-se que um dos fatores que mais influenciaram positivamente a produtividade da indústria foi o comportamento da produtividade na mineração, que teve desempenho muito superior aos demais setores da economia.

**Gráfico 2 – Evolução da produtividade média do trabalho por macrossetores (Valor adicionado a preços constantes de 2000 dividido pelo pessoal ocupado)**



Fonte: Ipeadata, Sistema de Contas Nacionais do IBGE, Censo do IBGE e Pesquisa Nacional.

Fonte: Squeff e Nogueira *in* Infante, Mussi e Nogueira (2015)

Em relação à década de 2000, Nogueira e Oliveira (2014), afirmam que, além da agricultura, teria havido ganhos de produtividade nos serviços, e perda de produtividade na indústria, o que teria levado a uma maior convergência de produtividade entre os setores – mesmo que, ressaltam os autores, convergência a um nível mais baixo. Esses movimentos teriam sido causados por uma retração das ocupações na agropecuária, devido ao aumento da intensidade do uso de capital e tecnologia no setor. O pessoal liberado teria se deslocado principalmente para os serviços de menor produtividade, e os que se deslocaram para a indústria também acabaram em segmentos de menor produtividade do trabalho. (Nogueira e Oliveira *in* Infante, Mussi e Nogueira, 2014)



Assim, o ganho de produtividade agregada que ocorreu na década de 2000 deveu-se em grande parte ao crescimento da participação dos serviços - que possuem produtividade mais elevada que a agricultura - no total de ocupações. Estes saltaram de 54,3% da População Ocupada em 1995 para 64% em 2012. Já em termos de valor adicionado, o setor de serviços saiu e de 66,7% do total em 1995 para 68,7% em 2012.

Com relação às ocupações, é interessante notar que há um contínuo processo de redução de participação da agricultura, que cai de 26% do total em 1995 para 14,9% em 2012. A indústria de transformação também apresenta perda, saindo de 13% em 1995 para 12,1% em 2012.

Já em termos de valor adicionado (em preços correntes), a grande redução é na indústria de transformação, que vai de 18,6% do total em 1995 para 13% em 2012. A agricultura também apresenta perda, saindo de 5,8% em 1995 para 5,3%. Neste quesito, além dos serviços, outro setor que apresenta crescimento de participação é a extração mineral, que salta de 0,8% em 1995 para 4,3% em 2012.

Outra forma de se comparar o desempenho setorial da produtividade na economia é tomar o valor da produtividade agregada como 1,0, e ver qual é a produtividade dos setores em relação à produtividade agregada, isto é, calculando-se as produtividades setoriais relativas. Isto foi feito por Bonelli (2014), para o período 1995-2012, e é apresentado na Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1**  
**Produtividades setoriais relativas (total da economia = 1,0)**

	1995	1999	2004	2008	2012
Agropecuária – total	<b>0,18</b>	0,21	0,26	0,31	<b>0,35</b>
Extrativa mineral	<b>9,64</b>	11,92	12,94	13,64	<b>13,90</b>
Transformação	1,30	1,30	1,29	1,14	1,10
Construção civil	0,99	0,89	0,83	0,75	0,69
Prod. distr. eletricidade, gás, água	<b>5,77</b>	6,58	6,93	6,79	<b>10,35</b>
Comércio	0,83	0,79	0,71	0,75	0,77
Transporte, armazenagem e correio	1,49	1,43	1,29	1,21	1,12
Serviços de informação	4,81	5,50	1,64	1,47	1,58
Intermediários financeiros, seguros, prev comp, serv relac.	<b>4,64</b>	5,22	4,85	6,35	<b>6,65</b>
Outros serviços	0,66	0,61	0,59	0,58	0,57
Ativ imobiliárias e aluguéis	9,44	11,63	14,17	12,28	12,27
Adm, saúde e educação públicas	1,84	1,85	1,77	1,56	1,39
<b>Total</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>

Fonte: Bonelli (2014)

Essa tabela propicia uma visão de como as atividades de serviços estão inseridas no contexto mais geral da economia. É clara a desvantagem que o setor de agropecuária possui em relação aos demais em termos de produtividade, no entanto é um dos setores que apresentaram maior crescimento, saindo de uma produtividade ao nível de 18% do total da economia em 1995 para 35% em 2012.

Vale destacar o alto nível de produtividade da atividade “Extrativa mineral”, sendo 9,6 vezes mais produtiva que a economia como um todo em 1995, e 13,9 vezes em 2012. A atividade “Produção e distribuição de eletricidade, gás e água” também se destaca com nível de produtividade 5,8 vezes maior que o da economia em 1995, saltando para 10,3 vezes em 2012. Nos serviços, destacam-se “Intermediários financeiros, seguros, previdência complementar e serviços relacionados”, com produtividade 4,6 vezes maior que o da economia em 1995, e 6,6 vezes em 2012, e “Atividades imobiliárias e aluguéis”, que apresentou produtividade 9,4 vezes maior que a da economia em 1995, subindo para 12,3 vezes maior em 2012.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A produtividade das Atividades imobiliárias e aluguéis devem ser vistas com certo cuidado devido ao fato de que grande parte da produção neste segmento advém de aluguéis imputados para as residências próprias (Galinari e Júnior, 2014)

Em relação aos desempenhos negativos, chama a atenção o fato de que apenas as atividades em negrito na Tabela 1 e “Atividades imobiliárias e aluguéis” apresentaram desempenho positivo. Todas as demais atividades apresentaram queda na produtividade relativa. A Indústria de transformação, que já apresentava nível de produtividade modesto, 30% maior que o da economia em 1995, reduziu esse diferencial para 10% em 2012. Construção civil também apresentou desempenho negativo, caindo de uma relação com a produtividade da economia como um todo de 0,99 em 1995, para 0,69 em 2012.

Dois fatos sobre a produtividade da economia brasileira ficam claros com a análise desta tabela. Em primeiro lugar, sua heterogeneidade estrutural em termos de nível de produtividade, isto é, a discrepância de produtividade entre os diferentes setores da economia. Em segundo lugar, o aprofundamento dessa heterogeneidade ao longo do tempo, que pode ser percebido pelo fato de que são os setores com maior produtividade que apresentam, também, as maiores taxas de crescimento, com exceção da Agropecuária. Para uma discussão detalhada sobre a questão da heterogeneidade estrutural no Brasil ver Nogueira et al. (2014).

Para além das comparações dos níveis de produtividade dos macrosetores da economia em termos de seus produtos finais, outra questão que pode ser destacada são os efeitos que um setor pode ter sobre a produtividade dos demais. Nesse sentido, vale lembrar do que foi apresentado no Gráfico 1, de que os serviços já compõem a maior parte do valor adicionado da indústria de transformação no mundo, e, no Brasil esse valor já atingia a marca de 56,7% em 2005. Portanto, ter um setor de serviços competitivo é um fator crítico para o crescimento sustentável das economias. (Arbache e Moreira, 2015)

Desta seção, podemos depreender que o setor de serviços no Brasil possui produtividade baixa se comparada à indústria, em especial à indústria extrativa, e sua produtividade tem apresentado crescimento baixo desde o final da década de 1970. Esse movimento não se restringe aos serviços, sendo acompanhado pela indústria, em especial a indústria de transformação. A agropecuária, por outro lado, tem apresentado desempenho positivo ao longo de todo o período, embora este setor possua níveis de produtividade mais baixos que os demais.

Destacou-se também, a importância do setor de serviços tanto no emprego, quanto no valor adicionado na economia e na participação do valor adicionado de outros setores. A

participação deste setor vem crescendo, e isso explica grande parte do comportamento positivo da produtividade agregada da economia na década de 2000, uma vez que a produtividade média do setor de serviços é maior do que da agricultura, que é o setor que mais perde participação.

Há, no entanto, algumas atividades de serviços que possuem produtividade alta como intermediação financeira e atividades imobiliárias e aluguéis, o que confirma a heterogeneidade do setor de serviços no país, o que será visto em mais detalhe na próxima seção.

#### 4.2 A Estrutura interna do setor de serviços

A Tabela 2 abaixo, calculada a partir de dados de Miguez e Moraes (2014), por sua vez retirados da base de dados World Input-Output Database (WIOD), mostra a produtividade das atividades de serviços no Brasil em 1995 e em 2009, bem como a taxa de crescimento entre os dois anos. Os dados estão em dólares constantes de 1995, sem correção por paridade de poder de compra.

**Tabela 2 – Produtividade das atividades de serviços no Brasil (US\$ 1000/pessoa ocupada)**

Atividades	1995	2009	Var %
Comércio automotivo	8,4	8,2	-1,8
Comércio atacadista	14,7	16,8	14,3
Comércio varejista	5,4	4,9	-8,2
Hotéis e rest.	4,5	7,4	63,4
Transp. Terrestre	8,9	6,1	-31,9
Transp. Aquaviário	46,3	18,2	-60,8
Transp. Aéreo	31,7	17,4	-45,2
Outros transp.	15,6	9,9	-36,7
Corr. E telecomunicações	18,1	24,8	36,4
Inter. Financeira	67,0	108,4	61,8
Serv. Imobiliários	97,9	144,2	47,4
Serv. Empresas	9,6	8,9	-6,9
Adm. Pública	19,3	17,6	-8,7
Educação	10,3	7,9	-22,9
Saúde e ass. Soc.	12,7	12,5	-1,5
Outros serv. pessoais e sociais	3,7	3,8	2,4

Fonte: Miguez e Moraes (2014). Elaboração própria.

Este quadro traz informações relevantes sobre a produtividade dos serviços no Brasil e sua evolução. Destacam-se positivamente as atividades de Hotéis e Restaurantes, que teve o maior crescimento no período (63%), Intermediação Financeira (62%), Serviços Imobiliários (47%) e Correio e telecomunicações (36%). O que mais chama atenção com relação à evolução das atividades, no entanto, é o mau desempenho de todas as atividades de transportes - Transporte Aquaviário (-61%), Transporte Aéreo (-45%), Outros transportes (-37%) e Transporte Terrestre (-32%). Também teve desempenho negativo relevante a atividade Educação (-23%).

Uma das características mais marcantes do setor de serviços no Brasil é a sua heterogeneidade. Segundo os dados de Miguez e Moraes (2014), a atividade do setor de serviços com menor produtividade em 1995, Outros serviços pessoais e sociais, apresentou nível de produtividade de 3,7, enquanto a atividade mais produtiva, Serviços imobiliários, apresentou nível de produtividade de 97,9, isto é, 26,4 vezes maior. Em 2009 essa diferença se amplia para 38 vezes.

Segundo Infante, Mussi e Nogueira (2014), no período 2000-2009, houve aumento da heterogeneidade dentro do setor de serviços, o que pode ser visto por um aumento do coeficiente de variação da produtividade. Segundo os autores esse fato teria ocorrido devido ao baixo crescimento da produtividade das atividades intensivas em mão de obra.

Os autores destacam a atividade Serviços Prestados às Empresas, que apresentou expressivo aumento no valor adicionado, porém com queda da produtividade do trabalho devido à expansão ainda maior no pessoal ocupado. Aparentemente, isso se deve ao processo de terceirização em curso na economia.

Ainda sobre os Serviços Prestados às Empresas, Oliveira (2011) avaliou a série de dados de 1998 a 2007 para esta atividade, e verificou que a produtividade do estrato de mais alta produtividade, isto é, as empresas prestadoras de serviços de alto conteúdo de informações – denominadas Serviços às empresas intensivos em conhecimento (Seic) - cresceu significativamente. Por outro lado, as firmas de baixa produtividade, em sua maioria empresas fornecedoras de mão de obra de baixa qualificação, apresentaram ligeira redução da produtividade. Essa pequena redução foi suficiente para compensar o ganho de participação das empresas de alta produtividade, já que as empresas de baixa produtividade representam a maior parte do pessoal ocupado da atividade. O resultado final para a atividade, portanto, foi uma queda de sua produtividade.

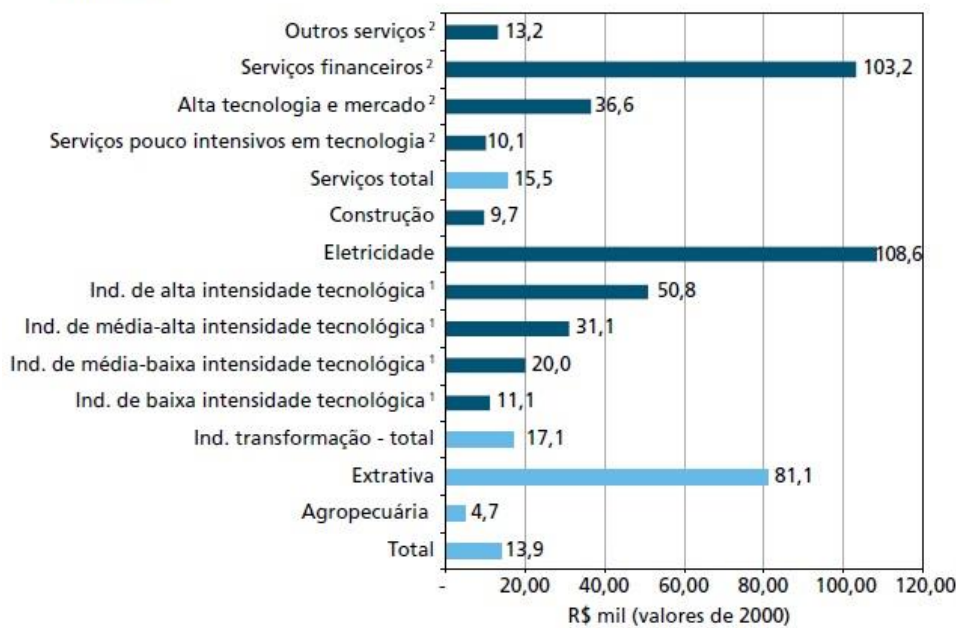
Em relação ao segmento de Seic vale a pena mencionar o trabalho de Galinari e Júnior (2014), que fazem um estudo sobre esse setor no Brasil, mostrando que ele responde por 3,1% de toda a mão de obra formalmente empregada no Brasil (1,45 milhão de pessoas), e que sua estrutura de mercado é pulverizada, com apenas poucas grandes empresas de auditoria, TI e engenharia. Esse segmento é ainda altamente concentrado regionalmente, com o Sudeste abrigando 40% dos empregos.

Em termos de produtividade, esse setor apresenta produtividade maior do que a da indústria, o que reflete uma característica desse segmento, possuindo percentual de pessoas ocupadas com nível superior mais elevado do que setores de alto conteúdo tecnológico na indústria de transformação. (Galinari e Júnior, 2014)

Outra atividade que merece destaque é a de Serviços Financeiros, que, segundo Nogueira e Oliveira (2014), apresentou o maior crescimento na produtividade do trabalho de todas as atividades de serviços no período 2000-2009. Contribuíram para isso as altas taxas de juros, gerando rentabilidades crescentes para o setor, e o profundo processo de automação dessa atividade. (Nogueira e Oliveira *in* Infante, Mussi e Nogueira, 2014)

Outra evidência da heterogeneidade intrasetorial dos serviços é apresentada por Squeff e De Negri (2014) mostrando os valores das produtividades para os diferentes setores, e segmentando os serviços e a indústria por intensidade tecnológica, conforme o Gráfico 3 abaixo. Confirma-se, portanto, que tanto na indústria quanto nos serviços a heterogeneidade é forte entre as atividades de diferentes níveis tecnológicos de um mesmo setor.

**Gráfico 3**  
**Produtividade do trabalho (R\$ mil por ocupação) em diferentes setores de atividade em 2009**



Elaboração dos autores a partir do Sistema de Contas Nacionais Anuais do IBGE. Valores constantes a preços de 2000.

Notas: <sup>1</sup> Na indústria de transformação, os setores foram agregados segundo a classificação OCDE de intensidade tecnológica.

<sup>2</sup> No setor de serviços as atividades foram agrupadas da seguinte forma: *i)* pouco intensivos: comércio, transporte, armazenagem, correio, manutenção e reparação, alojamento e alimentação, serviços domésticos prestados às famílias e administração pública; *ii)* alta tecnologia e mercado: serviços de informação, atividades imobiliárias, serviços prestados às empresas; *iii)* financeiros: intermediação financeira, seguros e previdência complementar; *iv)* outros: educação e saúde (públicas e mercantis).

Fonte: Squeff e De Negri (2014)

Outro resultado interessante sobre a heterogeneidade de produtividade do setor de serviços é o encontrado por Arbache (2015c), quando segmenta o setor por tamanho das empresas. O resultado inesperado encontrado pelo autor é que no setor de serviços as menores empresas tendem a ser as mais produtivas, o que contraria a evidência empírica da relação positiva entre tamanho da empresa e produtividade.

É possível, ainda, abordar a questão dos diferenciais de produtividade dentro do setor de serviços pelo viés regional. Os diferenciais de produtividade no setor de serviços entre as diferentes regiões do país são bem pronunciados. Segundo os cálculos de Matteo (2014), o índice de produtividade do Sudeste é 35% maior que os das regiões Sul e Centro-Oeste, e cerca de 2,7 vezes maior que os das regiões Norte e Nordeste.

Dessa seção, pode-se perceber a intensidade da heterogeneidade do setor de serviços no Brasil, tanto em níveis de produtividade, quanto de seu crescimento. O país apresenta segmentos de baixa produtividade como Comércio, Hotéis e restaurantes, Transporte

Terrestre, e, ao mesmo tempo, segmentos de alta produtividade como Correio e Telecomunicações, Intermediação Financeira e Serviços Imobiliários.

Ainda, pode-se perceber que esta heterogeneidade se estende até mesmo dentro das atividades, como é o caso das atividades de Serviços às empresas, que abrange os Seic, um segmento de alta produtividade, intensiva em capital e conhecimento, que agrega valor às demais atividades econômicas, e também os segmentos de mais baixa produtividade. Estudos a níveis mais desagregados são, portanto, necessários para se compreender a dinâmica interna deste setor.

Essa heterogeneidade também pode ser percebida ao se segmentar o setor pelo tamanho de suas empresas, possuindo as menores empresas maior produtividade do que as maiores. Por fim, percebe-se que a heterogeneidade dos serviços possui também uma característica regional, concentrando-se as atividades de maior produtividade no Sudeste, Centro-Oeste e, em menor grau, no Sul, enquanto as atividades de menor produtividade localizam-se nas regiões Norte e Nordeste.

### 4.3 Comparação internacional

A discussão a respeito dos diferenciais internacionais de produtividade dos serviços pode ser iniciada com uma comparação internacional da produtividade agregada em alguns países.

**Tabela 3**  
**Produtividade do trabalho em anos selecionados (US\$1.000,00/trabalhador)<sup>13</sup>**

Pais	1995	2000	2005	2009
Brasil	9,1	9,7	9,7	10,4
China	1,1	1,5	2,3	3,5
México	9,3	10,2	9,9	9,0
EUA	55,4	62,4	70,4	74,1
Alemanha	60,7	64,4	67,3	66,3
<b>Pais Mais Produtivo/Brasil</b>	<b>6,6</b>	<b>6,6</b>	<b>7,3</b>	<b>7,1</b>
<b>Brasil/Pais Menos Produtivo</b>	<b>8,6</b>	<b>6,4</b>	<b>4,2</b>	<b>3,0</b>

Elaborado pelos autores.

Fonte: Miguez e Moraes (2014).



Segundo a Tabela 3, de 1995 a 2009, o Brasil apresentou crescimento da produtividade de 9,1 para 10,4 (US\$ 1000/trabalhador). Esse crescimento foi menor que o crescimento da China, que subiu de 1,1 para 3,5, maior que o do México, que sofreu bastante com a crise internacional, chegando em 2009 com níveis de produtividade menores que em 1995, bem menor que o dos EUA, que subiu de 55,4 para 74,1, e, em termos de crescimento, semelhante ao da Alemanha, que subiu cerca de 10% - de 60,7 para 66,3.

Assim, se se comparar o desempenho do Brasil apenas com o país mais produtivo, no caso, Alemanha em 1995 e em 2000, e EUA em 2005 e 2009, e com o país menos produtivo, no caso, China para todos os anos, veremos que a tendência observada é que a fronteira tecnológica está se distanciando, e o piso está se aproximando do Brasil. A relação País mais produtivo/Brasil, sai de 6,6 em 1995 para 7,1 em 2009, e a relação Brasil/País menos produtivo sai de 8,6 em 1995 para 3,0 em 2009.

A trajetória dos diferenciais de produtividade nos serviços é semelhante à da produtividade agregada. Em 1995, a razão Brasil/País menos produtivo era de 7,9 e caiu para 2,9 em 2009. Já a razão País mais produtivo/Brasil era de 5,6 em 1995 e subiu para 6,4 em 2009.

Como forma de aprofundar a comparação internacional de produtividade, e aumentar a abrangência da discussão, foram calculadas as produtividades no período 1999-2009, desagregando-se por setor, para 8 países: os BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), e quatro países desenvolvidos (Alemanha, França, EUA e Reino Unido). A base de dados utilizada foi a mesma de Miguez e Moraes (2014), a World Input-Output Database (WIOD). Os resultados estão apresentados na Tabela 4 abaixo.

**Tabela 4 - Produtividade do trabalho de países selecionados (US\$ 1000 /pessoa ocupada)**

Países/setores	1999	2005	2009	Variação 1999-2009
Brasil	9,5	9,7	10,4	10%
Agropecuária	2,4	2,9	3,8	58%
Indústria	13,5	13,8	13,4	-1%
Serviços	11,2	10,6	11,3	1%
Rússia	3,9	5,5	6,3	61%
Agropecuária	1,2	1,2	1,4	13%
Indústria	5,7	7,7	8,1	42%
Serviços	4,8	6,5	7,7	61%
Índia	1,1	1,4	2,0	79%
Agropecuária	0,4	0,4	0,5	18%
Indústria	1,9	2,1	2,8	47%
Serviços	2,4	3,2	4,6	91%
China	1,4	2,3	3,5	146%
Agropecuária	0,5	0,6	0,8	77%
Indústria	3,0	5,0	6,6	118%
Serviços	1,8	2,6	3,9	116%
Alemanha	63,3	67,3	65,3	3%
Agropecuária	34,9	39,9	39,3	12%
Indústria	65,2	78,3	72,7	12%
Serviços	64,1	65,7	65,6	2%
França	65,5	69,4	70,1	7%
Agropecuária	54,4	57,8	68,8	26%
Indústria	72,4	82,5	78,8	9%
Serviços	64,6	68,5	71,2	10%
EUA	61,0	70,4	74,1	21%
Agropecuária	47,8	73,0	82,1	72%
Indústria	71,0	90,2	101,1	42%
Serviços	59,1	68,6	71,9	21%
Reino Unido	40,6	44,8	45,4	12%
Agropecuária	39,1	57,9	46,4	19%
Indústria	53,1	62,9	62,2	17%
Serviços	37,2	41,6	42,9	15%

Fonte: World Input Output Database (WIOD). Elaboração própria.

Desta tabela pode-se perceber o grande *gap* de produtividade que há entre os países em desenvolvimento e os países desenvolvidos. Mesmo o Brasil, que é o país com maior produtividade entre os países do BRIC, possui produtividade 4,5 vezes menor que o Reino Unido, e entre 6,5 e 7 vezes menor do que Alemanha, França e EUA.

Pode-se perceber que, no geral, o quadro apresentado por Miguez e Moraes (2014) de que o Brasil estaria se aproximando dos países com menor produtividade, e se afastando dos com maior produtividade, se mantém. Isso pode ser visto pelo fato de que os países com menor produtividade que o Brasil (Rússia, Índia e China) apresentaram crescimento maior que o brasileiro, e dois dos países com produtividade maior (EUA e Reino Unido) também tiveram crescimento maior que o brasileiro. Já Alemanha e França, por mais que não tenham tido crescimento da produtividade agregada maior que o brasileiro, tiveram crescimento maior na Indústria e nos Serviços. A diferença, portanto, resume-se ao ganho que o Brasil teve na Agropecuária no período.

Em relação aos serviços, o Brasil teve o pior crescimento de produtividade dos países destacados, crescendo 1%, enquanto a China, país com maior crescimento de produtividade, alcançou a taxa de 116%.

Desta seção, depreende-se que a produtividade no Brasil é extremamente baixa se comparada com os países desenvolvidos. Esse quadro não seria tão preocupante, não fossem as baixas taxas de crescimento – ou, no caso da indústria, queda - em comparação com demais países em desenvolvimento. Assim, como propõem Miguez e Moraes (2014), o país está se distanciando dos países mais produtivos, e ao mesmo tempo, os países menos produtivos estão alcançando, e mesmo ultrapassando o Brasil em algumas atividades. Isso é o reflexo da estagnação na produtividade da indústria e dos serviços em um mundo que continua andando para frente.

#### **4.4 Indicadores de qualidade**

Em termos de qualidade, pode-se dizer que, de maneira geral, os serviços no Brasil são caros e de baixa qualidade, e sua produtividade é baixa se comparada com outros países. (Arbache, 2015)

Um fator de especial preocupação é a infraestrutura e os transportes, muito mal colocados nas comparações internacionais. Segundo *ranking* de infraestrutura feito pelo FMI (2015), em 2014, a qualidade da infraestrutura brasileira ocupou 120º lugar em um ranking de 144 países. Na qualidade das rodovias, ocupa o 120º lugar, na qualidade das ferrovias, 95º, na qualidade dos portos, 122º, na qualidade do transporte aéreo, 113º, e na

qualidade da oferta de energia, 89°. O mais preocupante, no entanto, é que nos quesitos eletricidade e rodovias, o Brasil vem perdendo posições no ranking nos últimos anos.

Em relação à energia, a energia brasileira é duas vezes mais cara que a chinesa, e três vezes mais cara que a dos EUA. O gás para fins industriais também é mais caro do que os padrões internacionais. O custo do acesso à internet é significativamente mais elevado do que no México, Taiwan e Colômbia. O custo de contêineres é cerca de três vezes maior que o da China, o que, combinado com a demora da liberação pela alfândega nos portos, afeta negativamente os exportadores. (Arbache, 2015).

Os serviços de telecomunicações no Brasil – telefonia fixa e móvel, TV por assinatura e internet - por sua vez, embora sejam os mais caros do planeta segundo a União Internacional de Telecomunicações (UIT) da ONU, em termos de infraestrutura, acesso e uso dos serviços, figuram em 62°. Além disso, estão entre os dez serviços que mais recebem queixas no Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon). Dentre os problemas mais relatados estão cobranças indevidas, má qualidade da comunicação, dificuldades para instalação, alterações de contrato e falta de clareza na oferta. (Carta Capital, 29/07/2014)

Em resumo, a baixa produtividade nos serviços no Brasil em relação aos demais países se reflete na qualidade dos seus serviços, ficando o Brasil em posições muito desfavoráveis nos rankings internacionais. Além disso, apesar da baixa qualidade, os serviços são em geral, caros se comparados aos mesmos serviços em outros países.

## **5 O Setor de Serviços e o Mercado de Trabalho no Brasil no Período 2010/2014**

Na seção anterior, foram vistas as características gerais do setor de serviços em termos de sua produtividade, tanto de forma geral quanto especificamente para o caso brasileiro. Agora, voltamos o olhar para os impactos que esse setor tem sobre o mercado de trabalho. Como visto, no Brasil, o setor de serviços responde por mais de 70% das ocupações, o que mostra a importância que este setor tem na determinação das características e dos movimentos do mercado de trabalho como um todo. Aprofundar a discussão sobre este setor pela ótica do emprego é, portanto, fundamental para se compreender a dinâmica do mercado de trabalho.

Esse estudo tem ainda maior interesse devido aos recentes movimentos do mercado de trabalho brasileiro, em especial no período 2011-14, em que se conviveu simultaneamente com baixas taxas de crescimento do PIB e forte geração de emprego, o que representa uma situação inesperada. Saboia (2014) discute o aparente paradoxo entre a redução da taxa de desemprego e o baixo crescimento no período, atribuindo tal fato à geração de empregos de baixa produtividade no setor terciário.

Assim, esta seção busca apresentar as características gerais do setor de serviços no Brasil pela ótica da geração de emprego, bem como sua evolução recente. Após uma breve revisão da literatura, serão apresentados dados de algumas fontes que darão fundamentos para se discutir o mercado de trabalho brasileiro no período recente.

### **5.1 Características gerais do setor de serviços pela ótica do emprego**

Arbache (2015c) utilizando dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS) e microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), investiga o período que vai de 1998 a 2011.

A primeira constatação feita pelo autor é a respeito do tamanho das empresas de serviços. Seu tamanho médio seria de apenas 5,3 empregados, o que mostra que, em geral, as empresas deste setor são muito pequenas, mas, ao contrário do que seria esperado, as empresas menores são mais produtivas do que as maiores, como foi visto anteriormente. O segmento do setor com menores empresas seria o de Tecnologia da Informação (TI),

cujo tamanho médio seria de 3,6 pessoas ocupadas e 78% das empresas de serviços teriam até 2 pessoas ocupadas (Arbache, 2015c)

Em termos de remuneração, o autor mostra que, em 2011, a remuneração média do setor era de R\$ 861, o que pode ser considerado relativamente baixo, tendo em vista que era apenas 58% maior que o salário mínimo do mesmo ano. O autor também chama atenção para a evolução desfavorável dos salários médio reais, que caíram cerca de 25% entre 1999 e 2011.

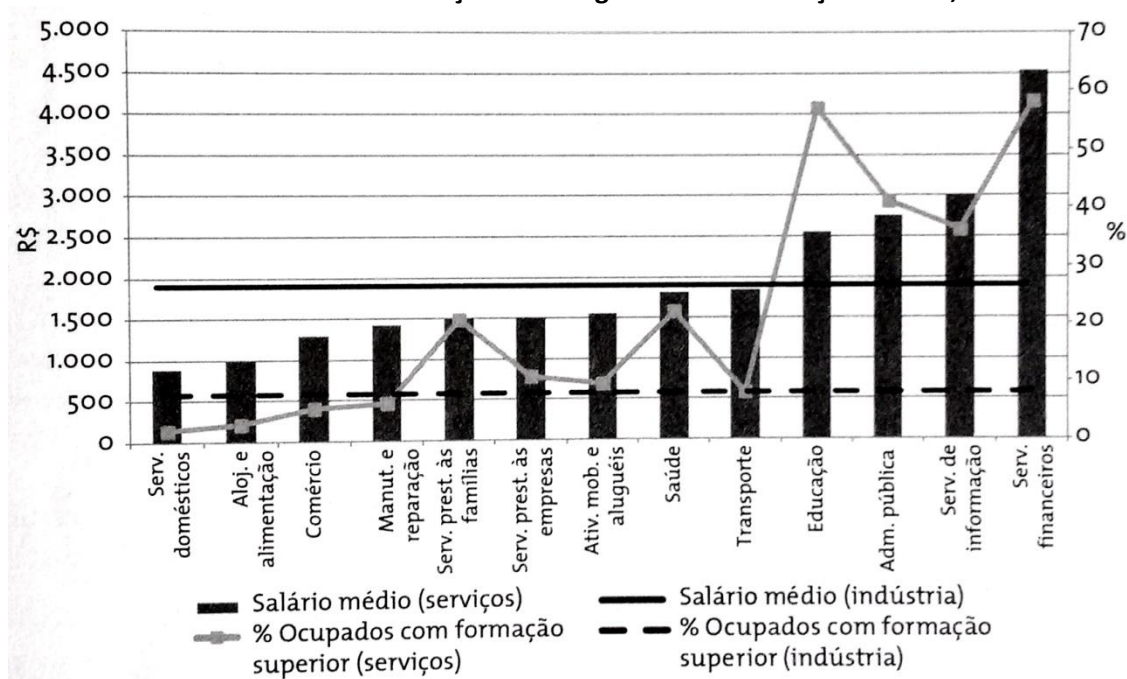
Ao desagregar por segmentos do setor de serviços, Arbache detecta certa homogeneidade nos salários médios entre os diferentes segmentos, o que mostra que a baixa remuneração seria uma característica geral do setor de serviços, com exceção de poucos segmentos como Transporte Aéreo e Transporte Dutoviário. A taxa de escolaridade média, no entanto seria de 9,8 anos, o que pode ser considerado relativamente alta, contrastando com a remuneração baixa do setor.

Essa visão de que o setor de serviços teria remuneração média relativamente homogênea entre seus segmentos, e ainda que ela seria baixa, é contrariada por Galinari e Júnior (2014) que, utilizando dados da RAIS, mostra que o setor de serviços apresenta grande variabilidade entre seus segmentos em termos de remuneração, sendo Serviços Financeiros o segmento que remunera melhor, com média de aproximadamente R\$ 4.500, e Serviços domésticos o que remunera pior, com média de aproximadamente R\$ 900, ambos os dados de 2012, como mostra o Gráfico 4 abaixo.

Além disso, esse gráfico também faz uma comparação do salário médio dos serviços com o salário médio da indústria de transformação. Pode-se perceber que os segmentos de Educação, Administração Pública, Serviços de Informação e Serviços Financeiros possuem remuneração média maior do que a remuneração média da indústria de transformação. Por fim, o gráfico também mostra que em termos de percentual de ocupados com formação superior, os serviços só não ficam acima da média industrial nos segmentos de Serviços Domésticos, Alojamento e Alimentação, Comércio, Manutenção e Reparação, e Transporte. Esses dados mostram a diversidade do setor de serviços em termos de qualificação dos trabalhadores e de remuneração, confirmando a heterogeneidade apresentada na seção anterior, e questionando a visão tradicionalmente

aceita de que os serviços seriam atividades geradoras basicamente de postos de trabalho de má qualidade.

**Gráfico 4 – Remuneração média (em R\$) e qualificação do pessoal ocupado (% de graduados) na indústria de transformação e em segmentos dos serviços – Brasil, 2012**



Fonte: Galinari e Júnior (2014)

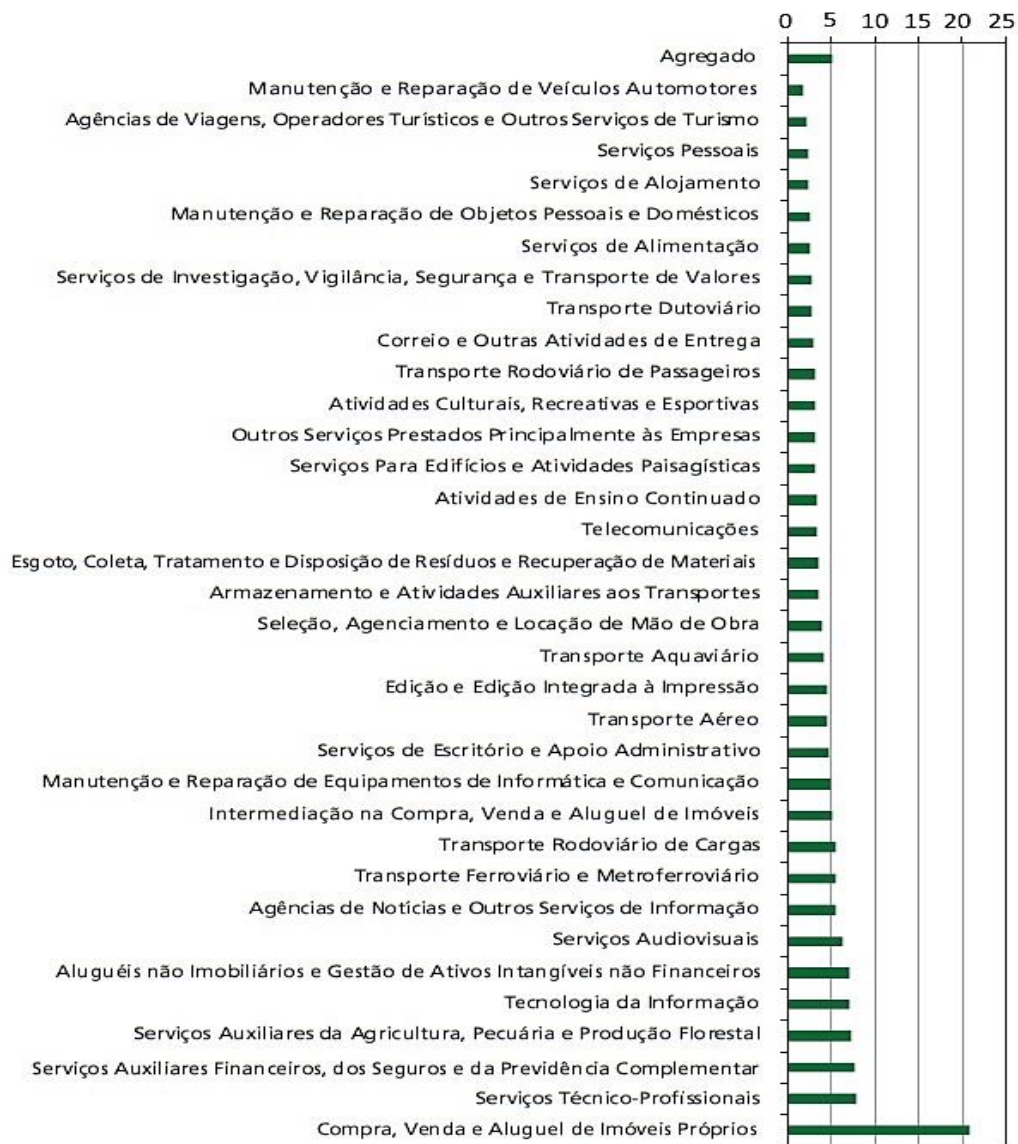
Uma possível explicação para as diferenças dos resultados encontrados por Arbache (2015b) e Galinari e Júnior (2014) é a forma diferente como os dois autores segmentaram o setor de serviços. Outra possível explicação estaria na diferença de metodologia empregada no tratamento dos dados, ou mesmo nas bases de dados utilizadas. Enquanto Galinari e Júnior (2014) utilizam dados da RAIS 2012, Arbache (2015b) utiliza uma combinação de microdados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) e da RAIS, em um período que vai até 2011. Essa discussão, no entanto, não será estendida por não ser o objetivo deste trabalho. O único comentário a acrescentar é que os dados sobre remuneração de Galinari e Júnior (2014) parecem mais alinhados com as discussões feitas na seção anterior sobre a produtividade no setor de serviços no Brasil.

Outro cálculo apresentado por Arbache (2015c) é a relação Produtividade por trabalhador dividido pela remuneração. Nesse caso, ele encontra maior heterogeneidade no setor de serviços conforme pode ser verificado no Gráfico 5. Segundo o autor, isso mostra que no



setor de serviços o custo total por trabalhador em relação ao que ele produz é elevado em muitos segmentos. Em outras palavras, o setor de serviços em geral agregaria pouco valor.

**Gráfico 5 – Produtividade por trabalhador dividido pela remuneração mensal (Em R\$ 1000)**



Fonte: Arbache, 2015c

Arbache (2015c) detecta, ainda, uma alta correlação entre produtividade e salários no setor de serviços, encontrando um coeficiente de correlação de 0,87 entre as variáveis, o que está em linha com a teoria e a evidência empírica, e é confirmado, também, por Sá (2015).

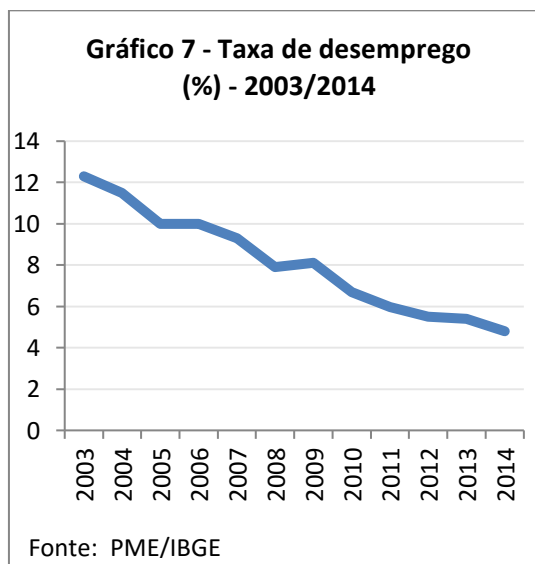
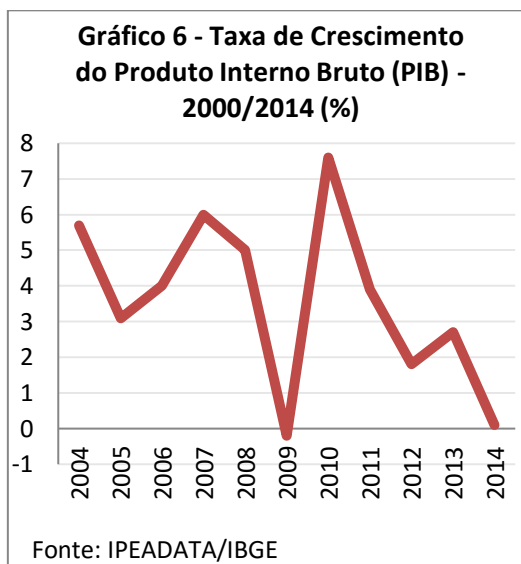
Desta seção pode-se depreender que o setor de serviços brasileiro pela ótica do emprego apresenta algumas características marcantes: suas empresas em geral são pequenas, empregando em média 5,3 pessoas, porém a produtividade nas empresas pequenas é



maior do que nas maiores; sua remuneração em geral é baixa, embora haja alguns segmentos em que ela é mais elevada; a relação produtividade-remuneração no setor é baixa, o que mostra que este setor agrega relativamente pouco valor; e há uma forte correlação entre a produtividade e os salários no setor. Em seguida, será visto o que tem ocorrido neste setor pela ótica do emprego no período recente.

## 5.2 Evolução recente do emprego no setor de serviços

A taxa de desemprego na economia brasileira no período 2004-2014 apresentou uma forte queda, saindo de pouco mais de 12% em 2003, para 4,8% em 2014. Isso refletiu, em parte, o bom desempenho da economia no período 2004-2010, com exceção de 2009 devido à crise econômica mundial. No período 2011-2014, no entanto, o país apresentou uma redução no ritmo do crescimento econômico, com média de crescimento de 2,8% ao ano no triênio 2011/2013, e estagnação em 2014 conforme o Gráfico 6. O mercado de trabalho, no entanto, permaneceu aquecido até 2013, apesar da redução do ritmo de crescimento do PIB, e continuou apresentando queda da taxa de desemprego, contrariando o que seria esperado.



A análise do mercado de trabalho através da taxa de desemprego, no entanto, é incompleta, uma vez que pode esconder uma dinâmica complexa que ocorre na geração de empregos da economia. O Gráfico 7 sugere que muitos empregos foram gerados no período, mas que tipo de empregos? Foram empregos de alta ou baixa produtividade e

remuneração? Quais foram os setores em que esses empregos foram gerados? É para essas questões que voltamos nossa atenção a partir de agora.

Sá (2015), utilizando dados da RAIS e da WIOD, identifica uma correlação negativa entre a produtividade dos segmentos do setor de serviços e a quantidade de empregos gerados neles no período 2004-2013. Em outras palavras, encontra evidências de que no setor de serviços tem-se gerado empregos principalmente nas atividades de baixa produtividade.

A partir de dados do CAGED, foi calculada a geração de empregos formais (admissões menos desligamentos) no Brasil no período 2010-2014, desagregando-se por Divisão de atividades (CNAE 2.0 Div). O fato de se tratarem apenas de empregos formais constitui um limite para a análise, principalmente pelo foco dado ao setor de serviços, que abriga a maior parte das ocupações informais.<sup>4</sup> Por outro lado, na medida em que a produtividade do trabalho formal tende a ser maior que do informal, o uso do CAGED fortalece o argumento de que a maior parte dos empregos gerados no período analisado está localizada em segmentos de baixa produtividade do setor de serviços.

Para fins de compatibilização com os dados de produtividade da WIOD, foi feita uma correspondência entre os setores da CNAE 2.0 Div e a ISIC rev. 3, utilizada pela WIOD. A compatibilização setorial entre as duas fontes de dados encontra-se no Anexo.

Conforme mencionado anteriormente, o período analisado vai de 2010 a 2014. Esse período foi escolhido devido à desaceleração econômica que ocorre a partir de 2011. O ano de 2010 foi incluído por ter sido um ano com bom desempenho da economia, permitindo, assim, uma melhor comparação.

---

<sup>4</sup> A taxa de informalidade segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE no setor de serviços chega a 38%, enquanto na indústria é de 29% (Galinari e Júnior, 2014).

Tabela 5 – Geração de empregos no Brasil - 2010-2014 (% do total)

Geração de empregos (Admissões – Desligamentos)	2010	2011	2012	2013	2014	2010- 2014	2011- 2014
Agropecuária	-0,7	3,9	0,9	-0,2	-0,1	0,9	1,8
Ind. Ext. mineral	1,4	1,4	0,4	-0,6	-1,1	0,8	0,4
Alim., beb., e fumo	1,9	2,7	2,3	2,7	1,7	2,3	2,5
Têxteis	0,5	-0,6	-0,2	0,1	-1,2	-0,1	-0,4
Vest. Couro e calç.	3,1	-0,7	-0,5	0,0	-8,8	0,3	-1,1
Madeira	0,4	0,0	-0,2	0,0	-0,6	0,1	-0,1
Celulose e papel	0,6	0,3	0,2	0,3	-0,3	0,3	0,2
Refino	0,1	0,4	0,0	0,2	-1,9	0,1	0,1
Químicos	0,7	0,5	0,8	0,8	1,2	0,7	0,7
Borr. e plást.	1,3	0,3	0,5	0,7	-1,3	0,7	0,3
Prod. Min. N-met.	1,4	1,3	0,6	0,8	-1,2	1,0	0,8
Metalurgia	3,0	1,3	0,1	0,3	-7,6	1,0	0,0
Máq. e equip	2,0	1,5	0,8	1,4	-7,2	1,1	0,6
Equip. elet. e ópt.	0,6	0,6	-0,1	0,4	-2,3	0,3	0,1
Equip. Transp.	2,2	1,2	0,3	1,0	-11,3	0,7	-0,1
Ind. Diversas	1,2	0,8	1,0	0,7	-1,8	0,8	0,6
Elet., gás e água	0,9	0,5	0,8	0,8	1,2	0,8	0,7
Construção	10,8	9,0	7,9	5,1	-30,6	6,6	4,5
Com. Automotivo	2,9	3,0	2,2	1,9	0,7	2,5	2,3
Com. Atacadista	4,3	4,6	5,5	5,7	10,5	5,1	5,6
Com. Varejista	18,3	16,9	22,4	21,8	37,3	20,2	21,3
Hotéis e rest.	4,0	4,6	4,2	6,9	14,2	5,2	5,8
Transp. Terr.	4,0	5,0	4,7	5,3	8,9	4,9	5,3
Transp. Aqua.	0,2	0,1	0,2	0,1	0,4	0,2	0,2
Transp. Aéreo	0,3	0,3	0,0	-0,1	0,5	0,2	0,1
Outros transp.	1,8	1,8	1,4	1,8	2,7	1,8	1,8
Corr. e telecom.	1,2	1,9	0,7	1,3	2,1	1,3	1,4
Inter. Financeira	2,0	2,0	1,1	0,9	3,0	1,7	1,6
Serv. Imobiliários	1,2	1,4	1,5	1,7	1,6	1,4	1,5
Serv. Empresas	19,8	22,2	23,1	18,4	39,9	22,0	23,1
Adm. Pública e seg. social	0,3	0,8	-0,3	1,7	1,5	0,6	0,8
Educação	2,3	3,2	5,4	6,2	16,2	4,4	5,6
Saúde e assistência social	3,6	4,7	7,8	8,2	25,6	6,6	8,1
Outros serv. Pesso./soc.	2,5	3,0	4,2	3,3	7,6	3,4	3,8
Serv. Domésticos	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,1	0,1
<b>Total</b>	<b>2.629.827</b>	<b>2.026.571</b>	<b>1.372.594</b>	<b>1.138.562</b>	<b>420.826</b>	<b>7.588.380</b>	<b>4.958.553</b>
<b>Serviços/Total</b>	<b>69%</b>	<b>76%</b>	<b>84%</b>	<b>85%</b>	<b>173%</b>	<b>82%</b>	<b>88%</b>

Fonte: CAGED. Elaboração própria.

A primeira informação relevante que pode ser retirada da Tabela 5 é que a quantidade total de empregos gerados na economia foi decrescente ao longo dos anos 2010-2014. No ano de 2010 houve criação de 2,6 milhões de novos empregos no país, enquanto em 2014 este ficou em apenas 421 mil. No acumulado do período 2011-2014 houve a geração de quase 5 milhões de empregos formais. Esse resultado é bastante positivo uma vez que o crescimento econômico no período foi relativamente baixo.

Desagregando-se por atividade, pode-se perceber que no período 2010-2014 a criação de empregos ficou muito focada em duas atividades: Comércio varejista, que concentrou 20,2% dos empregos gerados no período, e Serviços às empresas, que respondeu por 22,0%. Vale ainda destacar as atividades de Saúde e assistência social, que representou 6,6% do total, Construção (6,6%), Hotéis e restaurantes (5,2%), Comércio atacadista (5,1%), Transportes terrestres, (4,9%), e Educação (4,4%). Na indústria, que no geral apresentou fraco desempenho, a atividade que teve maior geração de empregos no período foi Alimentos, bebidas e fumo, que representou apenas 2,3% do total de empregos gerados. Já a agropecuária chama a atenção por sua pequena participação, representando menos de 1% dos empregos formais gerados no período 2010-2014.

Em termos do setor de serviços como um todo, pode-se perceber que no período estudado ele respondeu por 82% do total dos empregos gerados, o que confirma a importância desse setor como criador de empregos e absorvedor de mão de obra dos demais setores. É interessante notar, também, que a importância desse setor foi crescente. Em 2010, ele respondeu por 69% da criação de novos empregos, subindo para 84% em 2012, e 173% em 2014, o que deve ser entendido no sentido de que houve destruição de empregos na agropecuária e na indústria. Portanto, o setor de serviços teve criação de empregos maior do que a economia como um todo.

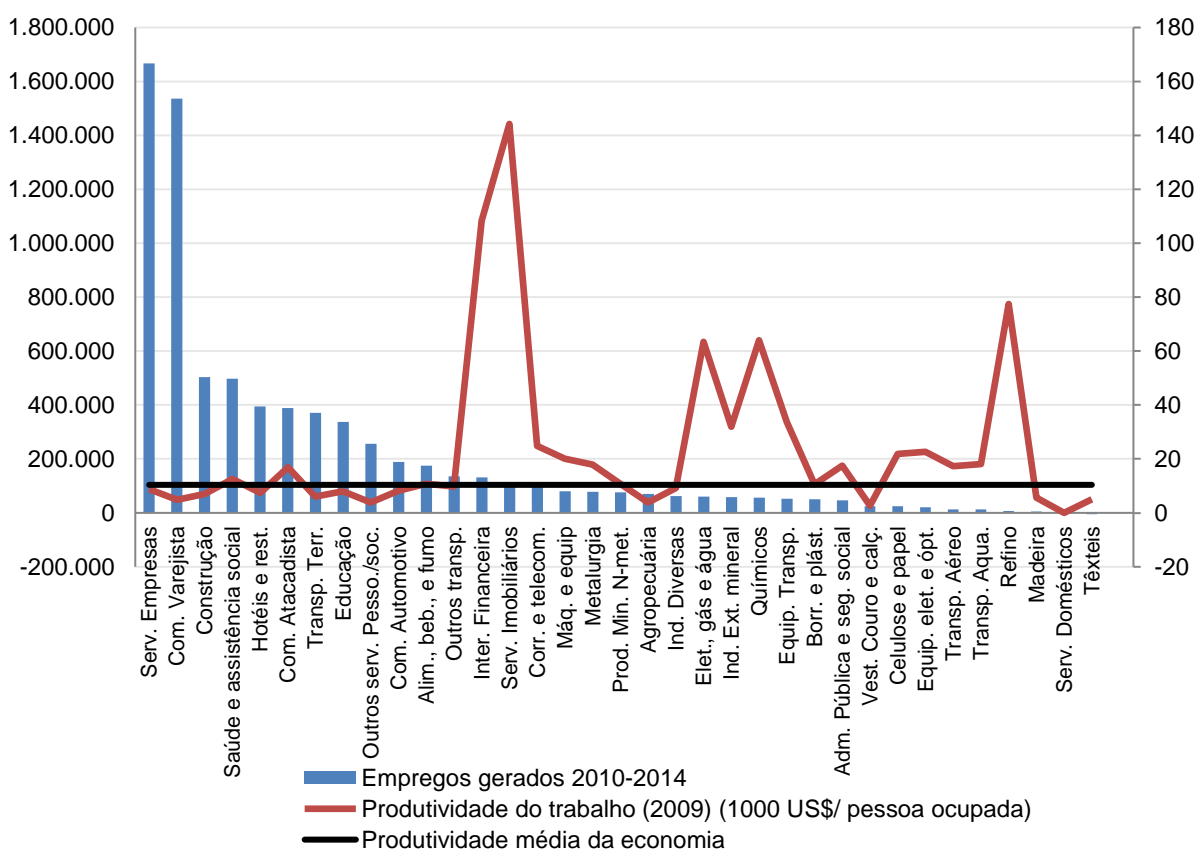
Outra observação que pode ser feita é a clara distinção do ano de 2010 em relação aos demais. Do total de empregos gerados no quinquênio 2010-2014, 34,7% foram criados em 2010. Na indústria os números são mais impressionantes. Dos 1.330.120 novos empregos industriais gerados no período 2010-2014, 846.716 foram criados em 2010, isto é, 64%. Isso fica claro também ao se comparar as distribuições percentuais do período 2010-2014 com o período 2011-2014. Pode-se perceber que diversas atividades industriais perdem participação no total ao se retirar o ano de 2010, enquanto a maior parte dos serviços ganha participação, principalmente Comércio varejista, que passa de

20,2% para 21,3%, Serviços às empresas, de 22,0% para 23,1%, e Saúde e assistência social, de 6,6% para 8,1%.

O Gráfico 8 apresenta os dados de geração de emprego do CAGED e de produtividade da WIOD. No eixo da esquerda está a criação de empregos no período e no eixo da direita a produtividade do trabalho em 2009.

**Gráfico 8**

**Empregos gerados 2010-2014 x Produtividade do trabalho (2009)  
(US\$ 1000/ pessoa ocupada)**



Fonte: CAGED e WIOD. Elaboração própria.

Como pode ser visto, grande parte dos setores com produtividade abaixo da produtividade média da economia (US\$ 10.400 por pessoa ocupada), quais sejam, Serviços às empresas, Comércio Varejista, Transporte terrestre, Educação, Construção, Hotéis e restaurantes, Outros serviços pessoais e sociais, Comércio automotivo, Outros transportes, Indústrias diversas, Madeira, Vestuário, couro e calçados, Têxteis e Agropecuária, tiveram forte geração de empregos no período. Juntos, esses setores representam 73,1% do total de novos empregos gerados no período.

A correlação entre a geração de empregos no período 2010-2014 e a produtividade de 2009 segundo os dados da WIOD é de -0,27 (-0,28 se excluirmos o ano de 2010). Esse resultado é semelhante ao encontrado por Sá (2015) para o período 2004-2013, porém com uma grande diferença em relação ao comportamento da atividade Administração pública e seguridade social, que no trabalho de Sá aparece como uma das atividades que mais geraram empregos no período, e no presente trabalho ela apresentou geração mínima por conta das diferentes fontes de dados utilizadas.<sup>5</sup>

Como podemos ver, há quatro segmentos destoantes dos demais. Serviços às empresas e Comércio varejista que, como visto, concentraram a maior parte da geração de novos empregos, e que possuem produtividade abaixo da média da economia, e Intermediação financeira e Serviços imobiliários que são o extremo oposto, por possuírem as maiores produtividades do setor de serviços e gerarem poucos empregos no período. Se retirarmos esses *outliers*, a correlação entre geração de empregos e nível de produtividade atinge -0,48.

A mesma situação apresentada para a produtividade se mantém ao se cruzarem os dados de geração de empregos com os dados de remuneração. No Gráfico 9 está representado, no eixo da esquerda, a geração de empregos no período 2010-2014, e no eixo da direita a remuneração média de 2014 dos setores em quantidade de salários mínimos, segundo a RAIS.<sup>6</sup>

As atividades com remuneração abaixo da média da economia representaram 84% de todos os novos empregos gerados no período. A correlação entre as duas séries de dados é de -0,27 o que confirma que no período estudado houve maior criação de empregos em atividades de baixa produtividade e remuneração.

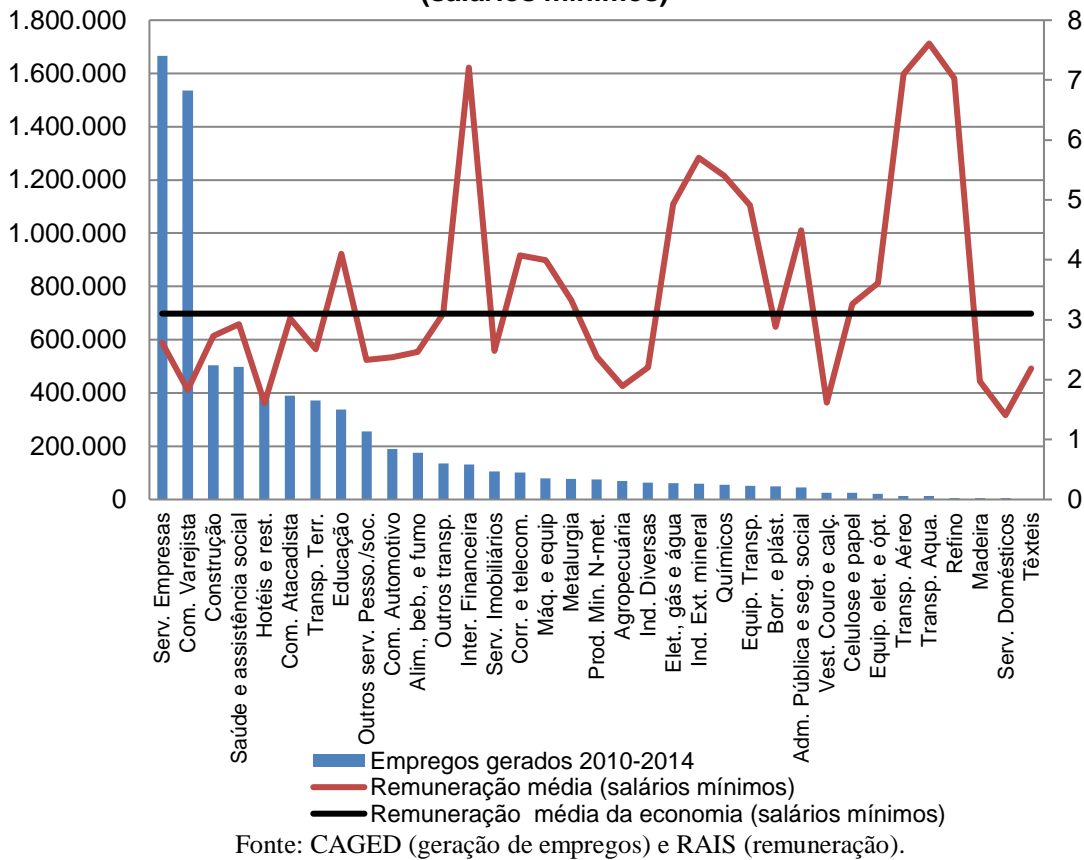
---

<sup>5</sup> Sá (2015) utilizou a RAIS que incorpora dados a Administração Pública, que está excluída dos dados do CAGED.

<sup>6</sup> O CAGED informa dados relativos às admissões e desligamentos, mas não sobre o estoque de pessoas empregadas. Daí ter sido feita utilização da RAIS para os salários do pessoal ocupado.

Gráfico 9

**Empregos gerados 2010-2014 x Remuneração média 2014  
(salários mínimos)**



A atividade de Serviços às empresas foi a que mais gerou empregos no período. Sua produtividade, segundo os dados da WIOD, é de US\$ 8.900 por pessoa ocupada, porém, como foi visto anteriormente, esta é uma atividade heterogênea, que abriga segmentos de alta produtividade, os chamados Serviços às empresas intensivos em conhecimento (Seic), e outros serviços mais tradicionais que possuem baixa produtividade. Assim, para que se tenha uma visão mais clara do que ocorreu dentro dessa atividade, ela foi desagregada em seu nível da CNAE 2.0 Div, o que é apresentado na Tabela 6.

**Tabela 6 – Geração de empregos nas atividades de Serviços às Empresas - 2010-2014 e remuneração média dos segmentos em 2014 (% do total)**

Atividades de Serviços às Empresas	2010	2011	2012	2013	2014	2010-2014	Remuneração média (em salários mínimos de 2014)
1. Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	3,2	2,6	2,5	3,4	7,6	3,4	3,5
2. Serviços Especializados para Construção	18,0	17,7	19,8	22,7	8,2	17,9	2,4
3. Atividades dos Serviços de Tecnologia da Informação	6,3	5,9	7,0	7,7	8,0	6,7	5,7
4. Atividades de Prestação de Serviços de Informação	2,0	1,1	1,6	2,5	3,3	1,9	4,0
5. Atividades Jurídicas, de Contabilidade e de Auditoria	6,7	6,8	8,6	8,9	8,2	7,5	2,5
6. Atividades de Sedes de Empresas e de Consultoria em Gestão Empresarial	2,0	1,6	1,3	3,2	0,4	1,8	5,8
7. Serviços de Arquitetura e Engenharia	6,5	7,4	3,3	6,8	-5,5	5,0	4,2
8. Pesquisa e Desenvolvimento Científico	0,5	-0,4	0,1	0,5	0,5	0,2	9,9
9. Publicidade e Pesquisa de Mercado	1,2	2,7	1,1	1,0	-0,1	1,4	3,8
10. Outras Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	1,4	1,7	1,2	-0,9	1,3	1,1	3,2
11. Seleção, Agenciamento e Locação de Mão-De-Obra	4,9	1,3	3,2	-5,5	10,2	2,8	1,8
12. Atividades de Vigilância, Segurança e Investigação	8,7	13,4	15,4	8,8	11,6	11,5	2,3
13. Serviços para Edifícios e Atividades Paisagísticas	16,1	17,0	17,8	24,0	28,7	18,9	1,7
14. Serviços de Escritório, de Apoio Administrativo e Outros Serviços Prestados Às Empresas	19,0	17,6	14,0	13,1	17,8	16,8	2,3
15. Aluguéis Não-Imobiliários e Gestão de Ativos Intangíveis Não-Financeiros	3,6	3,7	2,9	3,9	0,0	3,2	2,5
<b>Total</b>	<b>539.683</b>	<b>467.457</b>	<b>327.128</b>	<b>218.237</b>	<b>167.961</b>	<b>1.720.466</b>	<b>2,6</b>
<b>Serviços à empresas intensivos em conhecimento (Seic) (1-10)/Total</b>	<b>47,7%</b>	<b>46,9%</b>	<b>46,7%</b>	<b>55,8%</b>	<b>31,8%</b>	<b>46,8%</b>	<b>3,6</b>
<b>Outros serviços às empresas (11-15)/Total</b>	<b>52,3%</b>	<b>53,1%</b>	<b>53,3%</b>	<b>44,2%</b>	<b>68,2%</b>	<b>53,2%</b>	<b>2,1</b>

Fonte: CAGED (geração de empregos) e RAIS (remuneração). Elaboração própria.



A tabela mostra que 53,2% das ocupações geradas no período analisado foram geradas nas atividades mais tradicionais, isto é, de menor intensidade de conhecimento e tecnologia, com destaque para as atividades de “Serviços para Edifícios e Atividades Paisagísticas” (18,9%), “Serviços de Escritório, de Apoio Administrativo e Outros Serviços Prestados Às Empresas” (16,8%) e “Atividades de Vigilância, Segurança e Investigação” (11,5%). As demais 46,4% foram geradas nas atividades de Seic, com destaque para a atividade de “Serviços Especializados para Construção” (17,9%). Pode-se ver que as atividades de Seic apresentam remuneração média de 3,6 salários mínimos, enquanto os demais serviços apresentam média de 2,1 salários mínimos, o que já nos possibilita inferir que se tratam de atividades de menor produtividade.

Assim, por mais que não se tenham os dados de produtividade desagregados a esse nível, pode-se ver que mais da metade das ocupações geradas no setor de Serviços às empresas no período 2010-2014 foram geradas nos segmentos normalmente associados a atividades pouco produtivas.

Desta seção pode-se concluir que é razoável afirmar que no período 2010-2014 na economia brasileira houve um aumento da importância do setor de serviços na geração de emprego, principalmente nas atividades de baixa produtividade, havendo pouca criação de empregos na indústria e na agropecuária. O ano de 2010 difere dos anos 2011-2014 tanto pelo maior volume de empregos gerados, quanto por ser o último em que ainda há razoável criação de empregos na indústria.

Esse predomínio de atividades de baixa produtividade é uma possível explicação para a continuidade do declínio da taxa de desemprego nos anos 2011-2014, mesmo em uma situação de baixo crescimento. Mais empregos foram gerados, porém empregos em que se produz relativamente pouco por pessoa ocupada, permitindo, assim, que se continuasse a contratar pessoas mesmo em um contexto de desaceleração da economia.

Outra conclusão que pode ser tirada é que o setor de serviços parece funcionar como um estabilizador, um suavizador de movimentos do mercado de trabalho. Isso pode ser observado pelo fato de, no momento de baixo crescimento da economia, este setor ter continuado apresentando forte geração de empregos, em contraste com a indústria e a agropecuária.

Em resumo, conclui-se que o setor de serviços no Brasil é o setor mais importante em termos de criação de empregos, sendo sua importância crescente nesse aspecto. No entanto, por ser um setor em que ainda predominam as atividades pouco produtivas o aumento da importância dele no PIB e nas ocupações totais tem gerado um efeito negativo sobre a produtividade da economia. Pessoas têm saído de suas ocupações na agropecuária e na indústria e têm sido absorvidas pelo setor de serviços. No entanto os postos que passam a ocupar têm sido predominantemente em setores que possuem produtividade e remuneração baixas, como o Comércio Varejista, Comércio Atacadista, Transportes Terrestres, Construção, Hotéis e restaurantes, ou os segmentos tradicionais dos Serviços às empresas. A única ressalva é quanto aos Seic, que apresentaram boa geração de empregos no período, e cuja produtividade e remuneração, como mostram Galinari e Júnior (2014), são relativamente altas.

## 6 Considerações Finais

Tendo em vista o tamanho e a importância do setor de serviços no Brasil, seu fraco desempenho em termos de produtividade pode ser considerado como um dos principais fatores explicativos para a estagnação da produtividade da economia brasileira.

Na estrutura interna do setor de serviços brasileiro, o que nos chama a atenção é sua heterogeneidade. Convivem atividades de baixa intensidade tecnológica e conhecimento, baixa remuneração e produtividade, que utilizam mão de obra pouco qualificada com atividades de alta intensidade tecnológica e de conhecimento, alta produtividade e remuneração, que utilizam mão de obra muito qualificada. Essa heterogeneidade possui várias facetas, podendo ser percebida pelo viés geográfico, em que as atividades mais produtivas encontram-se concentradas no Sudeste, Sul e Centro-Oeste, ou ainda pelo tamanho das empresas, em que, surpreendentemente, as menores empresas tendem a ser mais produtivas.

Ao se fazer uma comparação internacional, percebe-se que a produtividade brasileira é baixa em comparação aos países desenvolvidos, mas é a maior entre os BRICs, sendo semelhante à de países como o México. O maior problema reside nas taxas de crescimento pois, enquanto todos os países avançam, o Brasil mantém-se estagnado (com exceção da Agropecuária). Assim, os países da fronteira tecnológica estão se distanciando, e os países menos produtivos estão alcançando, e mesmo ultrapassando o Brasil em alguns setores.

No setor de serviços, especificamente, chama a atenção o fato de o Brasil ter tido o pior desempenho de todos os países com os quais foram feitas comparações, crescendo praticamente nada no período de 1999 a 2009. Isso é ainda mais dramático ao se comparar com as taxas auferidas por países como a China (116%), a Índia (91%) e a Rússia (61%).

Em termos da qualidade dos serviços brasileiros, percebe-se que a baixa produtividade se reflete nesses indicadores, fazendo com que o país tenha serviços caros e de baixa qualidade, ocupando péssimas colocações nos *rankings* internacionais de qualidade de serviços, e ainda acumulando grande quantidade de reclamações nos órgãos de defesa do consumidor.

Pela ótica do mercado de trabalho, o setor de serviços possui uma importância fundamental, pois representa mais de 70% das ocupações formais no Brasil, distribuídas

em empresas cujo tamanho médio é de cerca de cinco funcionários. A remuneração média dos serviços é baixa se comparada à indústria, no entanto, devido à heterogeneidade do setor, há segmentos com altas remunerações. A relação produtividade-remuneração média do setor é baixa, o que mostra que este setor, em geral, agrega pouco valor.

Ao analisarmos a geração de empregos no Brasil no período 2010-2014, encontramos uma série de resultados interessantes. Esse período foi marcado por taxas de crescimento baixas, com exceção do ano de 2010, incluído para comparação, e ao mesmo tempo registrou-se forte criação de empregos (no total foram criados 7,5 milhões de empregos formais no período).

O primeiro resultado encontrado é que houve, no período, uma tendência crescente à criação de empregos no setor de serviços, que responderam por 69% da geração de empregos em 2010 e 173% em 2014, ou seja, neste último ano criaram-se mais empregos do que a economia como um todo, devido ao fato de que na agropecuária e na indústria houve redução de empregos.

O segundo, é que houve uma tendência à criação de empregos nos segmentos do setor de serviços de baixa produtividade. Isso pode ser visto pela correlação negativa encontrada entre a geração de empregos e a produtividade dos setores, e entre a geração de empregos e a remuneração média dos setores, isto é, foram gerados mais empregos onde a produtividade e a remuneração são mais baixas. Isso fica claro também pelo fato de que 73% dos novos empregos no período foram gerados em segmentos cuja produtividade é menor do que a produtividade média da economia, e 84% desses novos empregos foram gerados em segmentos cuja remuneração média é menor do que a remuneração média da economia.

Por fim, ao desagregar o subsetor de Serviços às empresas, mostrou-se que mais da metade dos novos empregos gerados estão concentrados nos segmentos tradicionais, de menor intensidade tecnológica e de conhecimento, cuja remuneração é bem menor do que nos Seic (serviços às empresas intensivos em conhecimento).

Essa seria uma explicação para a continuidade da forte geração de empregos mesmo em um contexto de baixo crescimento. Muitos empregos foram gerados, porém empregos cuja produtividade é baixa, e, portanto, puderam ser criados mesmo em um contexto de retração da demanda. Isso nos permite vislumbrar um aspecto interessante do setor de

serviços, o de que ele funcionaria como uma espécie de estabilizador, capaz de suavizar tendências negativas no mercado de trabalho.

A ressalva positiva foram os Seic, que segundo Galinari e Júnior (2014) são atividades intensivas em conhecimento e em tecnologia, e que possuem um percentual alto de ocupações com requisito de ensino superior, e ainda que normalmente estão associados a efeitos positivos sobre a produtividade e a inovação em outros setores que os utilizam como insumos. No período estudado foram criados pouco mais de 800 mil empregos Seic, ou cerca de 13% do total de empregos gerados no período, o que pode ser considerado um resultado positivo.

A principal mensagem passada por este artigo, portanto, é que o setor de serviços pode ser um setor dinâmico e essencial para o desenvolvimento de um país, principalmente um país que se encontre em uma situação de “Armadilha da renda média”, isto é, uma situação em que ganhos demográficos perdem importância e que se tenha que passar a depender de ganhos de produtividade para alavancar o crescimento. Isto porque o aprimoramento do setor de serviços, para além do seu enorme peso na produção e no emprego, é essencial para os ganhos de produtividade dos demais setores da economia, pois ele representa, mesmo que indiretamente, a maior parte de seus insumos intermediários. No segmento de serviços às empresas isso fica muito claro. No entanto, essa linha de argumentação se estende ao setor de serviços como um todo, pois toda atividade econômica, independentemente do setor em que se encontre, requer transportes eficientes, um bom sistema de telecomunicações, um esquema de distribuição e logística moderno, um comércio eficiente, hospitais e escolas de alta qualidade, etc. Em outras palavras, aprimorar o setor de serviços é gerar eficiência sistêmica na economia.

Assim, à primeira vista, quando se observam os dados para o Brasil, em que o setor de serviços vem ganhando espaço em diferentes aspectos, poder-se-ia supor que isto seria extremamente positivo para a economia. No entanto, ao analisarmos os dados em mais detalhe, percebe-se que esse ganho de importância do setor de serviços não tem sido parte dessa dinâmica em direção a uma economia “pós-industrial”, que pressuporia um aumento da participação de serviços de alto valor agregado e ganhos de produtividade elevados. Pelo contrário, tem representado um retrocesso, com aumento da participação de serviços de baixa produtividade e remuneração, devendo ser compreendido no contexto recente de liberação da mão de obra da indústria, devido à perda de

competitividade deste setor, e à continuidade do processo de liberação de mão de obra da agropecuária.

## Bibliografia

ANTONELLI, C. New information technology and localized technological change in the knowledge-based economy. IN: BODEN, M.; MILES, I. Services and knowledge-based economy. Londres: Continuum, 2000, pp. 170-191.

ARBACHE, J. Serviços e competitividade industrial no Brasil. Confederação Nacional da Indústria – Brasília: Confederação Nacional da Indústria. 2014.

ARBACHE, J. The Contribution of Services to Manufacturing Competitiveness in Brazil. 2015. Disponível em: <<http://economiadeservicos.com/wp-content/uploads/2015/07/SSRN-id2634434.pdf>>. Acesso em: 07/01/2016, às 16:17

ARBACHE, J. 2015b. Os serviços nas contas externas de 2015. Disponível em: <<http://economiadeservicos.com/2015/10/20/os-servicos-nas-contas-externas-de-2015/>>. Acesso em 23/11/2015 às 15:28.

ARBACHE, J; Produtividade no setor de serviços. IN: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L.R. (orgs.). Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes. Vol. 2. Brasília, IPEA, 2015c, pp. 277-300.

ARBACHE, J.; MOREIRA, R. How can Services Improve Productivity? The case of Brazil. 2015. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Pu33TdZ25TIJ:cienciassocial.es.edu.uy/departamentodeeconomia/wp-content/uploads/sites/2/2015/04/Redlas\\_Arbache\\_Moreira\\_Services\\_14april2015\\_2\\_scc.pdf+%cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Pu33TdZ25TIJ:cienciassocial.es.edu.uy/departamentodeeconomia/wp-content/uploads/sites/2/2015/04/Redlas_Arbache_Moreira_Services_14april2015_2_scc.pdf+%cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 19/07/2015, 19:32.

BARRAS, R. Information technology and the service revolution. Policy Studies, 5:4, DOI: 10.1080/01442878508423428, 1985, pp. 14-24.

BALAZ, V. Knowledge-intensive business services in transition economies. The Service Industries Journal, v. 24, n. 4, 2004, pp. 83-100.

BAUMOL, W. Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis. The American Economic Review, vol. 57, n.3. 1967, pp. 415-426.

BHAGWATI, J. Splintering and Disembodiment of Services and Developing Nations. *The World Economy*. [Vol. 7, n. 2](#), 1984, pp.133–144.

BONELLI, R. Produtividade e armadilha do lento crescimento. In: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L.R. (orgs.). *Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes*. Brasília, IPEA, 2014, pp. 111-141.

CARTA CAPITAL, 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/806/com-maior-tarifa-do-planeta-operadoras-lideram-ranking-do-procon-5859.html>>. Acesso em: 07/01/2016 às 16:21

CLARK, C. *The conditions of economic progress*. Londres: Macmillan, 1957.

DOROSHENKO, M. et al. Knowledge intensive business services as generators of innovation. Moscow: HSE Working Papers, 2013. Series: Science, Technology and Innovation, WP BRO 12/STI.

EVANGELISTA, R. et al. Business service, innovation and sectoral growth. *Structural Change and Economical Dynamics*, v. 25, 2013, pp. 119-132.

FRANÇOIS, J. Producer services, scale, and the division of labor. *Oxford Economic Papers*, Oxford University Press, v. 42, n. 4, 1990, pp. 715-29

FREIRE, C. *Kibs no Brasil: um estudo sobre os serviços empresariais intensivos em conhecimento na região metropolitana de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

GALINARI, R.; JUNIOR, J.R.T.; *Serviços: conhecimento, inovação e competitividade*. IN: BNDES Setorial 39. Rio de Janeiro, 2014, pp. 235-280.

GERSHUNY, J. *After Industrial Society? The Emerging Self Service Economy*. Londres: Macmillan, 1978.

GHANI, E; KHARAS, H. *The Service Revolution*. World Bank, Washington, DC. 2010. Disponível em: <<https://wdronline.worldbank.com/handle/10986/10187>>. Acesso em: 07/01/2016 às 16:30.



KATSOULACOS, Y; TSOUNIS, N. Knowledge-intensive business services and productivity growth: the Greek evidence. In: BODEN, M.; MILES, I. Services and knowledge-based economy. Londres: Continuum, 2000, pp. 192-208.

KON, A. Economia de Serviços: teoria e evolução no Brasil: inclui uma análise sobre o impacto do setor de serviços no desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

KUBOTA, L. C. As KIBS e a inovação tecnológica das firmas de serviço. Economia e Sociedade, Campinas, v. 18, n. 2(36), 2009, pp. 349-369.

KUZNETS, S. Modern Economic Growth: rate, structure, and spread. New Haven, CT: Yale University Press, 1966.

LABRUNIE, M. L. O Quimérico Setor de Serviços: Produtividade e Emprego no Brasil Recente. IE/UFRJ, Monografia, Rio de Janeiro, 2016.

LIU, S. Determinants of service innovative dimensions in Knowledge Intensive Business Services: evidence from PR China. International Journal of Technology Management, v. 48(1), 2009, pp. 95-114.

MIGUEZ, T.; MORAES, T. Produtividade do trabalho e mudança estrutural: uma comparação internacional com base no world input-output database (WIOD) 1995-2009. In: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L.R. (orgs.). Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes. Brasília, IPEA, 2014, pp. 201-250.

MOREIRA, R. Serviços, investimento direto estrangeiro e abertura econômica. Disponível em: < <http://economiasdeservicos.com/2015/10/22/servicos-investimento-direto-estrangeiro-e-abertura-economica/>>. Acesso em 23/11/2015 às 15:33.

NOGUEIRA, M. O.; INFANTE, R.; MUSSI, C. Produtividade do trabalho e heterogeneidade estrutural no Brasil contemporâneo. In: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L.R. (orgs.). Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes. Brasília, IPEA, 2014, pp. 337- 371.

OLIVEIRA, J. M.; SOUZA, A. G. Heterogeneidade estrutural no setor de serviços brasileiros. Brasília: IPEA, 2011. (Boletim Radar – tecnologia, produção e comércio exterior, n. 14).

OULTON, N. Must the growth rate decline? Baumol's unbalanced growth revisited, *Oxford Economic Papers*, Oxford University Press, v. 53, n. 4, 2001, pp. 605-27.

SABOIA, J. Baixo crescimento econômico e melhora do mercado de trabalho – Como entender a aparente contradição? *Estudos Avançados*, USP, São Paulo, v. 28, n. 81, 2014, pp. 115-126.

SÁ, T. D. M. Produtividade e Mercado de Trabalho no Setor de Serviços no Período Recente. IE/UFRJ, Monografia, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, A; KUBOTA, L; GOTTSCHALK, M; MOREIRA, S. Economia de serviços: uma revisão da literatura. IPEA, Texto para discussão n. 1173. Brasília, 2006

SQUEFF, G. C.; DE NEGRI, F. Produtividade do trabalho e mudança estrutural no Brasil nos anos 2000. In: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L.R. (orgs.). *Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes*. Brasília, IPEA, 2014, pp. 249-280.

SQUEFF, G. C.; NOGUEIRA, M. O. A heterogeneidade estrutural no Brasil de 1950 a 2009. IN: INFANTE, R.; MUSSI, C.; NOGUEIRA, M. *Por um desenvolvimento inclusivo: o caso do Brasil*. Santiago do Chile, CEPAL, 2015, pp. 43-84.

TOMLINSON, M. The contribution of services to manufacturing industry: beyond the deindustrialization debate. Manchester: Center for Research on Innovation and Competition. CRIC Discussion Paper, n. 5. 1997.

UNCTAD. *World Investment Report 2015: Reforming International Investment Governance*. Genebra: UNCTAD, 2015.

WONG, P.; SINGH, A. The pattern of innovation in the knowledge intensive business services sector of Singapore. *Singapore Management Review*, v. 26(1), 2004, pp. 21-44.

## Anexo – Correspondência entre CNAE 2.0 Div e WIOD

CNAE 2.0 Div	Classificação WIOD
Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados	Agropecuária
Produção Florestal	Ind. Ext. mineral
Pesca e Aquicultura	Ind. Ext. mineral
Extração de Carvão Mineral	Ind. Ext. mineral
Extração de Petróleo e Gás Natural	Ind. Ext. mineral
Extração de Minerais Metálicos	Ind. Ext. mineral
Extração de Minerais Não-Metálicos	Ind. Ext. mineral
Atividades de Apoio À Extração de Minerais	Ind. Ext. mineral
Fabricação de Produtos Alimentícios	Alim., beb., e fumo
Fabricação de Bebidas	Alim., beb., e fumo
Fabricação de Produtos do Fumo	Alim., beb., e fumo
Fabricação de Produtos Têxteis	Têxteis
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	Vest. Couro e calç.
Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	Vest. Couro e calç.
Fabricação de Produtos de Madeira	Madeira
Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel	Celulose e papel
Impressão e Reprodução de Gravações	Celulose e papel
Fabricação de Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	Refino
Fabricação de Produtos Químicos	Químicos
Fabricação de Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	Químicos
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	Borr. e plást.
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	Prod. Min. N-met.
Metalurgia	Metalurgia
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	Metalurgia
Fabricação de Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	Equip. elet. e ópt.
Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	Máq. e equip
Fabricação de Máquinas e Equipamentos	Máq. e equip
Fabricação de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	Equip. Transp.
Fabricação de Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	Equip. Transp.

Fabricação de Móveis	Ind. Diversas
Fabricação de Produtos Diversos	Ind. Diversas
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	Serv. Empresas
Eletricidade, Gás e Outras Utilidades	Elet., gás e água
Captação, Tratamento e Distribuição de Água	Elet., gás e água
Esgoto e Atividades Relacionadas	Elet., gás e água
Coleta, Tratamento e Disposição de Resíduos	Elet., gás e água
Descontaminação e Outros Serviços de Gestão de Resíduos	Elet., gás e água
Construção de Edifícios	Construção
Obras de Infra-Estrutura	Construção
Serviços Especializados para Construção	Serv. Empresas
Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	Com. Automotivo
Comércio por Atacado, Exceto Veículos Automotores e Motocicletas	Com. Atacadista
Comércio Varejista	Com. Varejista
Transporte Terrestre	Transp. Terr.
Transporte Aquaviário	Transp. Aqua.
Transporte Aéreo	Transp. Aéreo
Armazenamento e Atividades Auxiliares dos Transportes	Outros transp.
Correio e Outras Atividades de Entrega	Corr. e telecom.
Alojamento	Hotéis e rest.
Alimentação	Hotéis e rest.
Edição e Edição Integrada À Impressão	Corr. e telecom.
Atividades Cinematográficas, Produção de Vídeos e de Programas de Televisão	Corr. e telecom.
Atividades de Rádio e de Televisão	Corr. e telecom.
Telecomunicações	Corr. e telecom.
Atividades dos Serviços de Tecnologia da Informação	Serv. Empresas
Atividades de Prestação de Serviços de Informação	Serv. Empresas
Atividades de Serviços Financeiros	Inter. Financeira
Seguros, Resseguros, Previdência Complementar e Planos de Saúde	Inter. Financeira
Atividades Auxiliares dos Serviços Financeiros, Seguros, Previdência Complementar e Planos de Saúde	Inter. Financeira
Atividades Imobiliárias	Serv. Imobiliários
Atividades Jurídicas, de Contabilidade e de Auditoria	Serv. Empresas

Atividades de Sedes de Empresas e de Consultoria em Gestão Empresarial	Serv. Empresas
Serviços de Arquitetura e Engenharia	Serv. Empresas
Pesquisa e Desenvolvimento Científico	Serv. Empresas
Publicidade e Pesquisa de Mercado	Serv. Empresas
Outras Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	Serv. Empresas
Atividades Veterinárias	Outros serv. Pesso./soc.
Aluguéis Não-Imobiliários e Gestão de Ativos Intangíveis Não-Financeiros	Serv. Empresas
Seleção, Agenciamento e Locação de Mão-De-Obra	Serv. Empresas
Agências de Viagens, Operadores Turísticos e Serviços de Reservas	Outros transp.
Atividades de Vigilância, Segurança e Investigação	Serv. Empresas
Serviços para Edifícios e Atividades Paisagísticas	Serv. Empresas
Serviços de Escritório, de Apoio Administrativo e Outros Serviços Prestados Às Empresas	Serv. Empresas
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	Adm. Pública e seg. social
Educação	Educação
Atividades de Atenção À Saúde Humana	Saúde e assistência social
Atividades de Atenção À Saúde Humana Integradas com Assistência Social, Prestadas em Residências Coletivas e Particulares	Saúde e assistência social
Serviços de Assistência Social sem Alojamento	Saúde e assistência social
Atividades Artísticas, Criativas e de Espetáculos	Outros serv. Pesso./soc.
Atividades Ligadas ao Patrimônio Cultural e Ambiental	Outros serv. Pesso./soc.
Atividades de Exploração de Jogos de Azar e Apostas	Outros serv. Pesso./soc.
Atividades Esportivas e de Recreação e Lazer	Outros serv. Pesso./soc.
Atividades de Organizações Associativas	Outros serv. Pesso./soc.
Reparação e Manutenção de Equipamentos de Informática e Comunicação e de Objetos Pessoais e Domésticos	Outros serv. Pesso./soc.
Outras Atividades de Serviços Pessoais	Outros serv. Pesso./soc.
Serviços Domésticos	Serv. Domésticos
Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais	Outros serv. Pesso./soc.